

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROFISSIONALIZANTE EM ADMINISTRAÇÃO

**EMPREENDEDORISMO NO BRASIL E NA
ESTÔNIA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA
EXPLORATÓRIA**

MARIO SCHEEL

ORIENTADOR: Edson José Dalto
CO-ORIENTADOR: Tõnis Mets

Rio de Janeiro, 25 de março de 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**“EMPREENDEDORISMO NO BRASIL E NA ESTÔNIA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA EXPLORATÓRIA”**

MARIO SCHEEL

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado Profissionalizante em
Administração como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre em
Administração.
Área de Concentração: Administração geral

ORIENTADOR: EDSON JOSÉ DALTO

CO-ORIENTADOR: TÔNIS METS

Rio de Janeiro, 25 de março de 2009.

**“EMPREENDEDORISMO NO BRASIL E NA ESTÔNIA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA EXPLORATÓRIA”**

MARIO SCHEEL

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado Profissionalizante em
Administração como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre em
Administração.
Área de Concentração: Administração geral

Avaliação:

BANCA EXAMINADORA:

Professor EDSON JOSÉ DALTO, DR. (Orientador)
Instituição: Faculdades Ibmecc

Professor TÕNIS METS, PH.D. (Co-orientador)
Instituição: Tartu Ülikool (University of Tartu), Estonia

Professor LUIZ FLAVIO AUTRAN MONTEIRO GOMES, PH.D.
Instituição: Faculdades Ibmecc

Professor ALESSANDRO DE NISCO
Instituição: University of Sannio, Benevento, Italy

Rio de Janeiro, 25 de março de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA

658.421 Scheel, Mario.
S822

Empreendedorismo no Brasil e na Estônia: uma Análise Comparativa Exploratória / Mario Scheel - Rio de Janeiro: Faculdades Ibmecc, 2009.

Dissertação de Mestrado Profissionalizante apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração das Faculdades Ibmecc, como requisito parcial necessário para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Área de concentração: Administração geral

1. Empreendedorismo. 2. Tecnologia da Informação - TI – Empreendedorismo

DEDICATÓRIA

Para Rita Scheel-Ybert, Ph.D, irmã e cientista.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa e amiga Ana Carolina que passou meses comigo na distante Estônia e que sempre me apoiou em meus projetos pessoais de desenvolvimento cultural e espiritual.

À minha mãe Marcia e ao meu pai Klaus que, com seus livros, histórias e exemplos geraram em mim o fascínio e o anseio pela exploração e pelos estudos.

À equipe do centro do empreendedorismo de Tartu, Tõnis Mets, Ave Mets, Aivar Pere e Leeni Uba que me receberam com afeição e respeito e são agora minha família estoniana.

Aos professores e profissionais do Ibmec, Edson José Dalto, Roberto Montezano, Luiz Flávio Autran Monteiro Gomes e Rita de Cássia por acreditarem e ajudarem neste projeto internacional.

Aos empreendedores Taavet Kikas, Rain Eensaar, Janek Priimann, Rafael Lessa Barreto e José Manuel Alvitos Garcia que aceitaram gastar seu precioso tempo com nossas entrevistas.

Finalmente, aos sócios de minha empresa que tiveram um árduo trabalho durante meu período no exterior e a toda minha família e amigos que de algum modo contribuíram para este feito.

RESUMO

Neste trabalho estudamos as influências do ambiente político, social e econômico na criação e no desenvolvimento de novas empresas de software em duas culturas distintas. A Estônia, uma das repúblicas bálticas da Europa foi comparada com um dos estados brasileiros, o Rio de Janeiro. As influências do ambiente foram investigadas segundo seis perspectivas: demografia, estrutura setorial, infraestrutura, sistema de educação, regulamentação e cultura. A análise dos dados identificou um posicionamento diverso entre as sociedades local, os empreendedores e governantes, bem como as influências externas em cada uma das regiões. Encontramos um comportamento empreendedor mais forte no Brasil, apesar do posicionamento mais pró-ativo e eficiente do governo estoniano para a promoção de uma cultura empreendedora e de negócios. Este trabalho exploratório criou também uma estrutura para novos estudos e levantou algumas questões para futuros testes empíricos.

Palavras-chave: Empreendedorismo, Novos negócios, Ambiente, Tecnologia.

ABSTRACT

Within this work we studied the environment influences into the creation and early development of new software companies in two orthogonal cultures. Estonia, one of the Baltic European Countries was compared with one region of the large Brazilian territory, the Rio de Janeiro State. The environment influences has been investigated through six main perspectives: demography, sector's structure, infrastructure, education system, regulation and culture. The data analysis pointed for diverse positioning of local societies, entrepreneurs and governments as well as different external influences in the regions. We found more entrepreneurial behavior in Brazil in spite of the Estonian government attitude that is much more efficient to promote a business and entrepreneurial culture. This exploratory study created a framework for intercultural comparisons and raised new questions for future empirical tests.

Keywords: Entrepreneurship, New Ventures, Environment, ICT

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Uma estrutura para descrever a criação de um novo negócio	11
Figura 2.	Fases do empreendedorismo.....	16
Figura 3.	Modelo do Monitor de Empreendedorismo.....	19
Figura 4.	Modelo do Monitor de Empreendedorismo detalhado	21
Figura 5.	Modelo interativo de desenvolvimento de pesquisa.....	27
Figura 6.	Um modelo para compreensão das influências do ambiente na criação de novas empresas	29
Figura 7.	Fórmula da Distância Cultural.....	38
Figura 8.	Destaque das principais áreas de concentração da Estônia e da Europa	51
Figura 9.	Destaque das principais áreas de concentração do Rio de Janeiro e do Brasil.....	52
Figura 10.	Distribuição entre setores do mercado.....	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Os principais assuntos da pesquisa de empreendedorismo.	7
Tabela 2.	Diferentes tipos de classificação internacional dos serviços de TI.	9
Tabela 3.	Dimensões ambientais que influenciam a atividade empreendedora	28
Tabela 4.	Atividades empreendedoras.....	32
Tabela 5.	Dados econômicos do Brasil e da Estônia – Ano base 2007.....	33
Tabela 6.	Rankings econômicos mundiais.	36
Tabela 7.	Dimensões culturais de Hofstede	38
Tabela 8.	Análise das variáveis da regulamentação	41
Tabela 9.	Dados comparativos referentes à abertura de um negócio.	41
Tabela 10.	Dados comparativos referentes a pagamento de impostos.....	43
Tabela 11.	Dados comparativos referentes à contratação de empregados.	44
Tabela 12.	Dados comparativos sobre educação - Ano 2000 – faixa etária: 25 anos	46
Tabela 13.	População da Estônia e do Rio de Janeiro, Brasil	48
Tabela 14.	População das maiores áreas de concentração ao redor das regiões selecionadas	49
Tabela 15.	PME do setor terciário na Estônia e no Rio de Janeiro	53
Tabela 16.	Dados econômicos brasileiros e estonianos	55
Tabela 17.	Análise de serviços importantes de infraestrutura.....	56
Tabela 18.	Taxas de juros nacionais do Brasil e da Estônia. Ref: Dez. 2008	57
Tabela 19.	Pesquisa & Desenvolvimento 2007.....	59
Tabela 20.	Comparative analysis of Estonia and Rio de Janeiro	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BRIC	Brasil, Rússia, Índia, China
UE	União Europeia
FDI	Investimento Direto Estrangeiro (<i>Foreign Direct Investment</i>)
PIB	Produto Interno Bruto
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
GNI	Gross National Income
TIC	Tecnologia da Informação e da Comunicação
TI	Tecnologia da Informação
ONG	Organização Não-Governamental
OCDE	Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PME	Pequenas e Médias Empresas
SMS	Mensagem de Texto (<i>Short Message Service</i>)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	5
2.1	INTRODUÇÃO À PESQUISA DE EMPREENDEDORISMO.....	5
2.2	modelos para o estudo de empreendedorismo	10
2.2.1	O MODELO DE QUATRO DIMENSÕES DE GARTNER	11
2.2.2	O MODELO GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM)	18
3	METODOLOGIA.....	26
4	O EFEITO DO AMBIENTE NA CRIAÇÃO DE NOVAS EMPRESAS DE SOFTWARE	31
4.1	VISÃO GERAL DO SETOR DE SOFTWARE NAS REGIÕES SELECIONADAS.....	31
4.2	O PAPEL DAS CONDIÇÕES NACIONAIS.....	36
4.2.1	CULTURA	37
4.2.2	REGULAMENTAÇÃO	39
4.2.3	SISTEMA EDUCACIONAL	45
4.2.4	DEMOGRAFIA	48
4.2.5	ESTRUTURA SETORIAL	53
4.2.6	INFRAESTRUTURA	56
4.3	ANÁLISE DE DADOS.....	66
5	CONCLUSÕES.....	72
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO PARA ESTUDO DO AMBIENTE	80
	APÊNDICE 2 – SUMÁRIO DE ENTREVISTAS COM EMPREENDEDORES.....	82
	APÊNDICE 3 – INSTITUIÇÕES DE APOIO NA ESTÔNIA E NO RIO DE JANEIRO	

1 INTRODUÇÃO

As economias de transição e os países em desenvolvimento atualmente estão entre as áreas mais prósperas do mundo com grande potencial de crescimento de seus mercados regionais. O Brasil foi incluído no BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), grupo dos quatro países com os maiores potenciais de crescimento do mundo; a Estônia, um dos 10 países do Leste Europeu que se juntou à União Europeia (UE) em 2004, obteve uma das melhores performances do bloco na última década. Entretanto, o nível de desenvolvimento dessas duas economias ainda está longe dos padrões de países desenvolvidos.

Características ambientais nacionais e regionais, bem como políticas governamentais, são alguns dos fatores que estimulam o empreendedorismo. Atividades empreendedoras e estabelecimento de novas empresas são ainda mais importantes nos países em desenvolvimento, como Brasil e Estônia, onde o número de empresas é pequeno se comparado ao tamanho da população e ao baixo aproveitamento da força de trabalho disponível. O governo, as Organizações não-Governamentais (ONG) e a iniciativa privada devem trabalhar em projetos de desenvolvimento a fim de impulsionar o potencial empreendedor desses dois países.

O processo de criação de novas empresas, mesmo conduzindo a um empreendimento estável ou não, promove a elaboração de produtos ou serviços gerando empregos e estimulando a economia. Estas são as bases para o desenvolvimento nacional, prosperidade e competitividade.

O objetivo deste estudo é mapear o ambiente que para novas empresas de serviços no estado do Rio de Janeiro, Brasil, e na Estônia, um dos três países bálticos no norte da Europa. Pretendemos identificar e comparar – de forma crítica – as condições nacionais, em ambas as localidades, que contribuem aos estágios iniciais da atividade empreendedora.

Estudos comparativos são muito relevantes, pois apresentam um ponto de vista alternativo para as regiões em análise. O volume de literatura sobre estudos internacionais é relativamente pequeno; uma explicação razoável para esse fato é que o orçamento e o tempo gastos nesse tipo de estudo não são acessíveis para a maioria dos pesquisadores. Entre as teses de mestrado em nossa universidade, encontramos apenas dois estudos comparativos sobre empreendedorismo (Porcaro, 2006; Silva, 2006). Nosso estudo é provavelmente o primeiro comparativo entre Brasil e Estônia. Ambos os países são muito diferentes em muitos aspectos como cultura, ambiente, economia e política.

A fim de concluir este trabalho de pesquisa, as seguintes tarefas foram determinadas:

- trabalhar com a literatura e com as questões da pesquisa para criar uma estrutura teórica para a análise das influências do ambiente em novos empreendimentos;
- identificar e descrever as principais características do ambiente que promovem a atividade empreendedora, principalmente na área de indústria de softwares;
- coletar dados secundários no Brasil e na Estônia ajustados à estrutura teórica com a finalidade de caracterizar as regiões;

- conduzir entrevistas pessoais com empresários para entender seus pontos de vista sobre as influências do ambiente em suas atividades;
- comparar os dados secundários e primários com a estrutura teórica de forma crítica a fim de gerar conclusões.

Esta dissertação é dividida em três capítulos principais. No primeiro capítulo fazemos uma revisão de literatura do campo do empreendedorismo, seus construtos e principais tendências. Desta forma, descrevemos dois importantes modelos para o estudo de empreendedorismo, o modelo de quatro dimensões de Gartner e o modelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM). As dimensões analisadas por esses modelos são amplamente discutidas, o que dá ao leitor uma visão geral das principais variáveis que influenciam a criação de novas empresas nas fases iniciais da atividade empreendedora.

O segundo capítulo apresenta nossa estratégia metodológica e transcreve algumas recomendações para escrever uma pesquisa qualitativa; bem como planeja e ilustra os procedimentos do levantamento de dados e da seleção das amostras de dados primários e secundários.

Finalmente, para responder as perguntas da pesquisa, o terceiro capítulo começa fornecendo uma visão geral do ambiente para novas empresas no Rio de Janeiro, Brasil, e na Estônia. Nosso modelo conceitual criado com base na literatura é usado para explicar, dimensão por dimensão, as características do ambiente que influenciam as regiões e, assim, promover um panorama comparativo entre elas. As evidências empíricas são analisadas junto com os dados coletados.

Os métodos da pesquisa usados neste trabalho, no entanto, se depararam com algumas limitações. Os dados secundários foram coletados de fontes públicas. Os indicadores levantados, principalmente quando no ambiente brasileiro, geralmente são antigos e baseados em estimativas. O número de entrevistas realizado também foi limitado pela disponibilidade dos empreendedores, pois todos estavam sempre muito ocupados. Foi realmente difícil para cada um conceder cerca de uma hora de seu tempo para este estudo. As generalizações dos resultados também encontram suas limitações quando transferidas a outros países em desenvolvimento ou a outras economias de transição.

As observações aqui realizadas são produto de um grande projeto. Passar oito meses vivendo e trabalhando na Estônia foi fundamental para este pesquisador brasileiro obter um verdadeiro ponto de vista sobre a sociedade estoniana.

Para finalizar, este autor possui grande experiência empreendedora. Graduou-se em Informática e trabalha profissionalmente na área desde 1991. Na universidade, trabalhou na empresa júnior e, logo em seguida, começou seu primeiro empreendimento antes mesmo de terminar os estudos. Depois de duas tentativas de abrir um negócio próprio, sua terceira companhia pode ser considerada uma empresa de sucesso, com mais de dez anos de mercado, sendo reconhecida no mercado brasileiro como uma forte participante em seu segmento.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 INTRODUÇÃO À PESQUISA DE EMPREENDEDORISMO

O estudo do empreendedorismo ainda é uma ciência jovem e multidisciplinar. Para responder suas perguntas de pesquisa, incorpora partes de outras disciplinas, como Economia, Sociologia, Finanças, História, Psicologia e Antropologia. Ainda não há uma estrutura madura na qual os cientistas possam se posicionar (Low & MacMillan, 1988). O empreendedorismo também não encontrou ainda reconhecimento por muitas universidades como uma faculdade independente. Normalmente, na maioria dos países, os estudantes apenas entram em contato com a ciência do empreendedorismo por meio de poucas matérias e precisam procurar livros e artigos com objetivo de melhorar seu conhecimento.

Essa baixa sustentação acadêmica é compensada por uma forte motivação dos alunos proveniente de uma grande demanda social. O tema influencia os estudantes fomentando a ambição e o espírito de aventura inerente a muitas pessoas. Além disso, a maioria das culturas parece reconhecer a função positiva das empresas na geração de emprego e no aquecimento da economia, estimulando o desenvolvimento e a prosperidade social.

O processo de iniciar um novo empreendimento, seja bem sucedido ou não, demanda serviços e bens que geram emprego, contribuindo, desta maneira, para o crescimento do Produto

Interno Bruto (PIB) e para o aumento da competitividade; fundamental à inovação e à vitalidade econômica regional (Stevenson *et al*, 2007).

Entre as muitas sugestões de um conceito para o empreendedorismo, destacamos os trabalhos de Low & McMilan (1988) que o definiu como a “criação de empresas novas” e propôs “que a pesquisa do empreendimento deve explicar e facilitar o papel de novas empresas ao promover o progresso econômico”. Essa visão é similar a de Gartner (1985) que definiu o empreendedorismo de forma bem objetiva como: “a criação de novas empresas”.

A definição de empreendedorismo, no entanto, varia amplamente entre proposições, como a clássica visão Schumpeteriana de que se trata de “realização de novas combinações” (Schumpeter 1934 *apud* Low *et al*. 1988) – definição baseada na ideia de criação e destruição de empreendimentos. Outras definições orientadas ao empreendedor explicam o fenômeno como a habilidade e a oportunidade de assumir novos riscos. Há também linhas mais estratégicas no estudo do empreendedorismo, como o ponto de vista de Porter sobre a atividade empreendedora como um processo geométrico e direto.

Stevenson *et al* (2007), em seu estudo sobre políticas do governo, sugeriu que uma definição de empreendedorismo devesse também incluir as instituições, as organizações e os indivíduos que juntos exercem a atividade empreendedora. Essa definição é conveniente ao nosso tema da pesquisa, pois incorpora as influências do ambiente ao fenômeno.

A tabela 1 mostra os principais temas abordados nos estudos de empreendedorismo. Low (2001) organizou diversos artigos publicados em revistas científicas, entre os anos 1987 e 1988, e comparou-os com outros artigos da mesma revista, publicados entre os anos 1998 e 1999. Após fazer uma síntese dos principais tópicos, propôs seis assuntos fundamentais nas

pesquisas sobre empreendedorismo. Outro estudo foi conduzido por Ireland (2005), que reuniu temas da academia publicados desde os anos 60 e classificou sete principais assuntos.

Low (2001)	Ireland (2005)
Novos Negócios	Novos Negócios
Pequenas Empresas / Empresas Familiares	Pequenas Empresas
Empreendedores	Indivíduos / Empreendedores
Empreendedorismo corporativo	Empreendedorismo corporativo
Capital de Risco/Investidores Anjos	Oferta Inicial Pública
“Outros...”	Empreendedorismo Institucional
	Empreendedorismo Internacional

Tabela 1. Os principais assuntos da pesquisa de empreendedorismo.

Pode-se observar pelo ano de publicação de cada um desses estudos que as “ofertas públicas iniciais”, o “empreendedorismo institucional” e o “empreendedorismo internacional” são os assuntos mais modernos na área. Os primeiros quatro temas (“novos negócios”, “pequenas empresas”, “empreendedores” e “empreendedorismo corporativo”) são mais antigos e consequentemente mais consolidados na cadeira de empreendedorismo..

Os estudos sobre empreendedorismo também podem ser classificados a partir de seu nível de análise. As primeiras pesquisas no tema tinham uma abordagem mais psicológica e centravam seus estudos nas investigações sobre o comportamento do empreendedor. Essa categoria de estudos buscava identificar características psicológicas do empreendedor, tais como individualismo, propensão ao risco e outros comportamentos racionais que poderiam conduzir um indivíduo a empreender em novos negócios. Não só teorias psicológicas foram usadas durante esse período de estudos do empreendedorismo, mas também teorias sócio-demográficas como a influência da família e da cultura sobre a formação do indivíduo (MacMillan, 1988). A separação do mundo entre empreendedores e não-empreendedores foi

amplamente discutida durante um certo período. Hoje há algum consenso na academia de que essas teorias não são pertinentes (Learned, 1992; Davidsson, 2001).

Depois de algum tempo focados na análise do indivíduo, os pesquisadores migraram para estudar o fenômeno dentro das empresas. Esse foco é mais orientado a negócios e, portanto, mais atraente para administradores. As análises, do ponto de vista corporativo, observam como uma estratégia empreendedora dentro das companhias pode influenciar o desempenho da firma. Os estudos sobre indústria/população foram dominados principalmente por estudos ecológicos que se centram sobre o desenvolvimento de indústrias específicas e de populações (Davidson, 2001).

Demais pesquisas sobre empreendedorismo analisaram também níveis mais abrangentes, como o nível regional/nacional e suas influências na criação e no desempenho de novos negócios – que é o tipo de análise praticado neste estudo.

Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) tornou-se um termo popular nos anos 90 e designa uma compilação de atividades voltadas para o desenvolvimento de alta tecnologia. O termo está relacionado principalmente a três segmentos da indústria: atividades ligadas a computadores (TI), empresas de telecomunicações e serviços audiovisuais. Essa convergência se tornou realidade com o desenvolvimento de novos dispositivos e serviços baseados nas conexões de alta velocidade, Internet e convergência de mídias (áudio e vídeo). A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2002) classificou o campo em três principais grupos:

- Produção de equipamento eletrônico (componentes, equipamentos de transmissão, instrumentos de medição, sistemas de controle);
- Atividades de telecomunicações (prestação de serviço e produção de equipamentos);

- Atividades de TI (produção de equipamentos, prestação de serviço e publicação de softwares).

A OCDE é breve em sua definição das atividades de TI. Algumas instituições, porém, elaboraram outras classificações. A tabela 2 mostra três classificações por diferentes instituições internacionais: a OCDE; a francesa NAF e a americana NAICS.

ISIC	NAICS	NAF
Aluguel de máquinas e equipamentos de escritório incluindo computadores (7123)		Aluguel de máquinas e sistema de computação (713E)
TI e atividades relacionadas (72)	Base de dados e Directory Publishers Data base (511140)	Desenvolvimento e gerenciamento de banco de dados (724Z)
	Publicação de Software (511210)	Desenvolvimento de Software (722Z)
	Serviços ao cliente de programação de computadores (541511)	
	Serviços de desenvolvimento de sistemas de computação (541512)	
	Serviços de processamento de dados (514210)	Utilização e administração de dados (723Z)
	Serviços de preparação de documentos (561410)	
	Serviços de informação incluindo pesquisa de informação (514199)	
	Serviços de gerenciamento de facilidades (541513)	Consultoria em sistemas de computação e informação (721Z)
Manutenção e reparo de computadores e equipamentos de escritório (811212)	Manutenção de máquinas e sistemas de computação (725Z)	
Outros serviços relacionados a computação (e.g. recuperação de dados, instalação de software) (541519)	Outros serviços relacionados a computação (726Z)	

Tabela 2. Diferentes tipos de classificação internacional dos serviços de TI.

A classificação NAF expõe claramente a atividade de *desenvolvimento de software*, que é o segmento dentro da TI o qual estamos estudando. A classificação NAICS é dividida em três atividades menores: *publicação de softwares*, *serviços ao cliente de programação de computadores* e *serviços de desenvolvimento de sistemas de computação*.

O perfil do empreendedor de TI pode ajudar-nos a compreender melhor a população que estamos investigando. Lasch (2008) estudou características comuns aos empreendedores do setor de TI e obteve alguns resultados interessantes que, embora não possam ser inteiramente generalizados para nossa pesquisa, podem fornecer algumas reflexões interessantes. Cerca de

90% dos empreendedores de TI começam seu negócio por meio da prestação serviços. É, sem dúvida, a maneira mais fácil e mais atrativa. Mais de 80% são homens entre 25 e 49 anos de idade, o que enfatiza a juventude e a masculinidade do setor.

Não há nenhuma evidência de muita preparação e planejamento na abertura de novas empresas por jovens empreendedores. A maior parte, cerca de 70%, limita sua preparação aos aspectos financeiros, sem pesquisar ou verificar a viabilidade técnica do projeto. Quase 80% não têm absolutamente nenhum treinamento de empreendedorismo, o que nos faz refletir sobre a real importância do treinamento para jovens empreendedores (ibid).

2.2 MODELOS PARA O ESTUDO DE EMPREENDEDORISMO

Desde as primeiras experiências de um indivíduo ou grupo de indivíduos, suas ações combinadas com a personalidade de cada um influenciam o futuro, o que pode conduzir a abertura de um novo negócio. A personalidade do empreendedor não trabalha sozinha; evidências dizem que a interação entre indivíduo e ambiente externo cria o comportamento específico que impulsiona a experiência empreendedora (Learned, 1992).

O processo empreendedor pode ser visto por meio de muitas perspectivas. Fazendo uma análise longitudinal do processo empreendedor, podemos separá-lo em fases e analisá-las ao longo do tempo. Em cada fase, podemos estudar as interações de demais atores no processo (por exemplo, o indivíduo e o ambiente) e suas consequências (a experiência empreendedora).

Em nosso primeiro modelo, chamado “modelo de Gartner de quatro dimensões”, podemos explorar as perguntas da pesquisa em qualquer das etapas na linha do tempo. No modelo de Gartner o processo é visto como uma dimensão por si só. O segundo modelo a ser apresentado, chamado “modelo do monitor global do empreendimento” ou apenas “modelo

GEM” (sigla em inglês para *Global Entrepreneurship Monitor*) foi concebido com intuito de estudar as interações de causa e efeito dentro do processo empreendedor.

Os modelos apresentados parecem apropriados para nossa pesquisa sobre o papel do ambiente na atividade empreendedora. Esses modelos, quando confrontados com nossos objetivos, ajudaram a desenvolver nosso próprio modelo conceitual a ser usado durante o desenvolvimento deste estudo.

2.2.1 O MODELO DE QUATRO DIMENSÕES DE GARTNER

Gartner (1985) ilustrou o fenômeno do empreendedorismo com um modelo com quatro dimensões (figura 1). Seu modelo integra as principais perspectivas da criação de novos empreendimentos: o empreendedor, o processo de abrir a empresa, a própria empresa e o ambiente que os cercam e influenciam. Cada uma das quatro dimensões tem relações com as outras três. Por exemplo, quando o empreendedor toma alguma atitude é influenciado pelo ambiente, pela empresa em formação e pelo processo de criação do novo negócio. Essas mesmas relações complexas ocorrem também por meio de todas as outras dimensões.

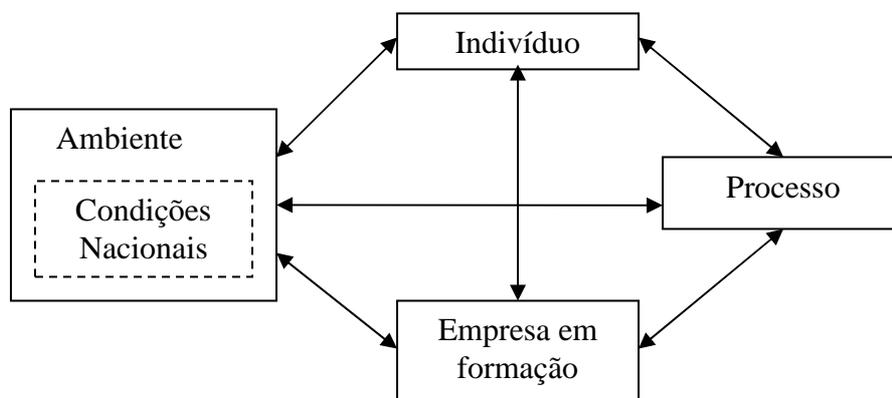


Figura 1. Uma estrutura para descrever a criação de um novo negócio (Gartner, 1985, modificado)

A dimensão do ambiente inclui todas as pessoas, o mercado, o governo e demais influências no fenômeno da criação de um novo negócio. Adaptamos o modelo original para explicitar as condições nacionais presentes no ambiente; subconjunto no qual estamos mais interessados.

O indivíduo ou o empreendedor é a figura central do processo e, assim, foi uma das primeiras dimensões a serem estudadas na literatura sobre empreendedorismo. Por muitos anos, cientistas esforçaram-se na busca por características subjetivas inerentes aos empreendedores que os fazem, então, diferentes do resto da população.

Não há evidência na literatura sobre traços que diferenciam empreendedores natos dos não-empreendedores (Learned, 1992; Davidsson, 2001). Assim, podemos supor que a população do mundo tenha a seguinte distribuição: a grande maioria das pessoas pode tornar-se ou não empreendedora por meio de sua interação com o ambiente. Uma minoria dos indivíduos pode ser separada entre os que se transformarão em empreendedores quaisquer que sejam as circunstâncias e outro grupo que não será empreendedor, sejam quaisquer que forem as experiências que eles possam viver (Sarasvathy, 2004).

Essa questão sobre empreendedores serem inatos ou não é fundamental porque remete a outra dúvida muito importante: se o empreendedorismo pode ser ensinado e como.

Evidências indicam que o comportamento empreendedor é um produto da interação do indivíduo com o ambiente. Algumas variáveis subjetivas (por exemplo, necessidade de realização, propensão ao risco, tolerância à ambiguidade, nível de energia, inteligência, criatividade e saúde) ao interagir com o ambiente disparam a motivação para um comportamento empreendedor (Learned, 1992). Portanto, confirma-se a importância da formação em empreendedorismo e da influência familiar, de centros de desenvolvimento, do

apoio da sociedade e de mentores para promover a dinâmica de geração de novos negócios (Forbes, 1999).

Ainda sobre empreendedores, há uma máxima entre capitalistas de risco que diz: “é melhor investir recursos na pessoa certa que numa ideia precisa” (Sandberg & Hofer, 1987 *apud* Learned, 1992). Esta sentença de pura prática merece credibilidade.

O ambiente certamente influencia o empreendedorismo. Os empreendedores vivem e trabalham no meio que os circunda. Já postulamos que a interação do indivíduo com o ambiente conduz ao comportamento empreendedor. Conseqüentemente, um ambiente de apoio favorável certamente pode “criar” empreendedores.

Novos negócios baseiam-se principalmente em oportunidades (Shane, 2001). Smith (1967 *apud* Lasch, 2008) definiu empreendedores como oportunistas. Conseqüentemente, um ambiente repleto de oportunidades de negócio certamente conduzirá ao rápido crescimento do número de novas empresas. Além disso, oportunidades por si só não geram novos negócios; os empreendedores devem também ter motivação para abrir sua própria empresa, e também devem ter habilidades para controlar e operar o novo negócio (Lundstrom, *apud* 2001 Stevenson *et al* 2007).

Os políticos podem governar com objetivo de expandir as atividades empreendedoras. Ao criar condições para geração de oportunidades de negócio, para motivação e para desenvolvimento de habilidades individuais, atua-se indiretamente na promoção de novos negócios. Estas três circunstâncias são consideradas pela literatura como os principais eventos que levam ao empreendedorismo.

Alguns aspectos regionais são bons requisitos para a criação de novos negócios. Nível de aglomeração urbana (crescimento demográfico e aglomeração) e estrutura setorial (crescimento da demanda e o número de outras empresas pequenas no contexto) desempenham um papel importante para um ambiente empreendedor ativo (Reynolds et al 1994 *apud* Davidson 2001; Tödtling et al, 2003). A maioria dos novos negócios ocorre em aglomerações urbanas. Estas oferecem uma densidade de empreendedores em potencial; de pessoas com alto nível educacional; um grande mercado potencial e a difusão de novas descobertas pelas universidades ou pelas instituições de pesquisa (Malecki 1994, Audretsch 1998 *apud* Tödtling et al, 2003). Elevado número de pequenas empresas, acesso ao capital e regime intensivo de P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) é enfatizado por Shane (2001) como condições favoráveis ao empreendedorismo.

A necessidade conduz à motivação e assim à criação de novos negócios. Pesquisas demonstram que uma alta atividade empreendedora está associada a um elevado ambiente de incerteza e ambiguidade (Knight 1921 *apud* Forbes 1999); o aumento do índice de desemprego impele os cidadãos para atividades independentes, conforme mencionado por Audretsch *et al* (2007). Um estudo conduzido na Noruega levantou a hipótese da influência das seguintes variáveis na taxa de empreendedorismo no país: aglomeração urbana, aumento do desemprego e ethos políticos. Esse estudo, porém, não encontrou sustentação para outras variáveis (Rotefoos, 2005).

Juntamente com aspectos regionais, circunstâncias nacionais também são enfatizadas nos estudos sobre políticas para promoção do empreendedorismo: cultura, legislação, sistema tributário, nível de instrução da população e infraestrutura aparecem na literatura como as condições mais favoráveis para um ambiente empreendedor (Davidson, 2001).

A empresa pode ser considerada como o produto da “fábrica” do empreendedorismo. As estratégias utilizadas por diferentes empresas conduzem a riscos bastante diferentes. Entretanto, o objetivo primário de um novo projeto é ser bem sucedido. Segundo o Instituto de Planejamento Estratégico (1978 *apud* Gartner, 1985) há quatro critérios que uma nova empresa deve cumprir para ser considerada um empreendimento bem sucedido: (1) o lucro deve ser esperado além do primeiro ano de atividade; (2) seus fundadores devem ter experiência com seus produtos e com o mercado; (3) ela deve ser considerada como um novo concorrente por seus concorrentes e (4) deve ser considerada como um novo fornecedor por seus clientes potenciais.

Não é simples cumprir os critérios acima principalmente devido ao risco associado com os primeiros anos de existência. Quando um negócio ainda é novo e não alcançou a fase madura, uma série de ameaças vem impedir o seu sucesso. O estágio de maturidade significa que a companhia superou a “responsabilidade por ser novo” (Chrisman *et al*, 1998). É razoável supor que isto ocorra após três a quatro anos de operação (Reynolds *et al*, 1999; Stevenson *et al*, 2007).

O processo empreendedor, como ilustrado no modelo de Gartner, representa o conjunto das atividades tomadas pelo empreendedor na criação de um novo negócio. O nascimento da empresa é o movimento central do processo. O período entre o nascimento da empresa e a superação da “responsabilidade por ser novo” é denominado estágios iniciais do processo.

O processo empreendedor completo (figura 2) pode ser resumido em um esquema de cinco macro-fases. Esse processo começa quando um indivíduo ou grupo de indivíduos toma ciência da possibilidade de se abrir uma empresa e termina quando a companhia é estabelecida e após os primeiros anos de sobrevivência e de consolidação.

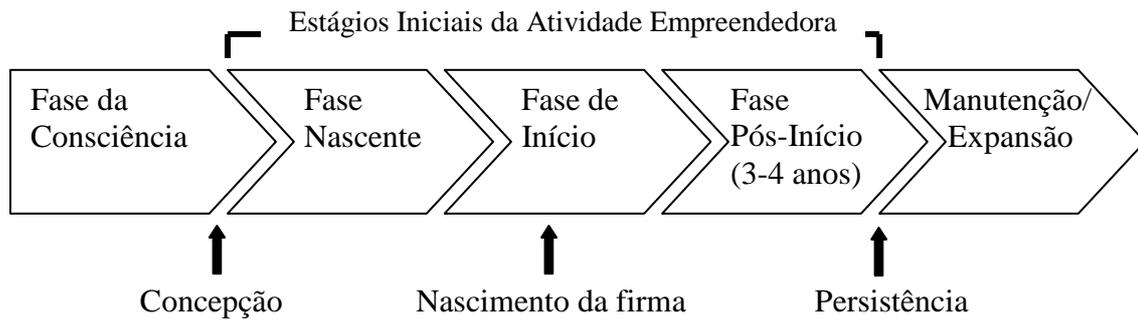


Figura 2. Fases do empreendedorismo (Reynolds et al. 1999) (Stevenson, 2007)

Os estágios iniciais da atividade empreendedora são compostos pela fase de pré-início ou fase emergente, pelo nascimento da empresa na fase de Início e pela fase pós-início, chamada também de consolidação ou período da sobrevivência. As fases externas aos estágios iniciais do empreendedorismo abrangem outros estudos e estão fora do escopo deste trabalho.

A fase emergente começa quando o empreendedor reflete sobre a possibilidade de abrir uma empresa e manifesta sua intenção. Pode acontecer a partir de um episódio especial ou na razão de eventos cumulativos ao longo do tempo (Learned, 1992). Durante esse processo, o indivíduo pode aumentar sua motivação ou perdê-la, dependendo das circunstâncias encontradas. O ambiente tem um papel importante nessa fase para que mantenha a motivação pulsante.

A fase de início começa quando a intenção é manifestada. A partir daí, o empreendedor parte em busca de informações e dá início a tarefas a fim abrir um novo negócio. Esta é a fase em que os recursos são coletados, os planos são feitos, as redes de contatos ativadas e a idéia do negócio é posta em prática. Um ambiente de apoio é de grande relevância nesse estágio do processo, já que empreendedores necessitam da ajuda de mentores, de informações, de infraestrutura, além de pouca burocracia, que facilita os procedimentos.

A fase de pós-início ou da sobrevivência é extensamente discutida na literatura, e o conceito da “responsabilidade por ser novo”, constantemente abordado. O que fazer para que um negócio sobreviva e tenha sucesso é uma das perguntas mais importantes feitas por empreendedores e pesquisadores.

Há um certo consenso que o risco de mortalidade é diretamente relacionado ao fato de a empresa ser nova. Existem diversas razões para justificar esse fato: os clientes são menos propensos a comprar de uma organização nova (novo mercado); os custos de gastos de fabricação são mais elevados quando há pouca experiência da produção (nova produção) e não há muita experiência administrativa em prever mudanças no mercado e gerir um plano empresarial (nova gerência) (Shepherd, 2000).

Gartner (1998) analisou a fase pós-inicial buscando explicar as principais variáveis que estão relacionadas com o sucesso de um empreendimento. Surpreendentemente o autor concluiu que o conhecimento pré-adquirido do empreendedor não é um bom requisito para o sucesso do negócio e pode até mesmo ser um obstáculo. Quando as “regras do jogo” mudam, a experiência precedente pode cegar os empreendedores e, em um mercado altamente competitivo, as regras mudam com certa frequência. Por outro lado, o requisito mais importante é o conhecimento/habilidade do indivíduo em aprender e mudar seu comportamento durante os estágios iniciais. Portanto, decisões administrativas bem-sucedidas podem definitivamente causar impacto na “responsabilidade por ser novo”.

Diferentes estratégias podem ser usadas para reduzir o risco da mortalidade. Focar em um nicho de mercado é reconhecidamente uma estratégia positiva para o sucesso. A administração dos custos e o respeito e a análise da concorrência são igualmente importantes (Gartner, 1998). A formação em empreendedorismo fornece importante contribuição para a

empresa, pois reduz a “responsabilidade por ser novo” e tem um impacto indireto atuando como catalisador nessa redução (Shepherd, 2000). O desempenho da empresa é uma combinação entre decisões e comportamentos dos empreendedores, identificando oportunidades e desenvolvendo uma estratégia viável de ser posta em prática (Chrisman *et al*, 1998).

Os mentores e os programas do treinamento estão entre os serviços mais úteis oferecidos pelos governos para induzir empresas a estabilidade e rentabilidade. Um programa canadense apresentou 83% de satisfação de seus participantes. Os mentores são normalmente empreendedores ou administradores mais experientes. O serviço é oferecido por uma instituição, responsável por escolher o melhor mentor para cada empreendedor. A química entre ambos é fundamental para bons resultados. Com reuniões semanais, os mentores podem atuar como um “psicanalista” empresarial: escutando, fazendo perguntas, supervisionando, incentivando a motivação e recomendando, mas nunca influenciando uma trajetória específica (Audet, 2006).

2.2.2 O MODELO GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM)

O modelo do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) foi desenvolvido por Reynolds *et al* (1999) com o objetivo de monitorar o crescimento econômico nacional com base na atividade empreendedora de cada nação. Seu modelo combina a literatura sobre políticas governamentais com foco em empreendedorismo e os principais requisitos do empreendedorismo. É um modelo bastante popular e usado por diversos grupos ao redor do mundo, sob o consórcio do projeto GEM. Por meio desse modelo, calculamos o índice MTE (Monitor Total de Empreendedorismo), amplamente usado como parâmetro para medição da dinâmica de negócios das regiões.

A Figura 3 apresenta o modelo GEM que define o empreendedorismo como um estimulante para o crescimento econômico. O modelo parte do contexto social, cultural e político de um país. Esses contextos favorecem a geração de oportunidades que, por meio da capacidade de realizá-las, possibilita a dinâmica de negócios e o desenvolvimento econômico nacional.

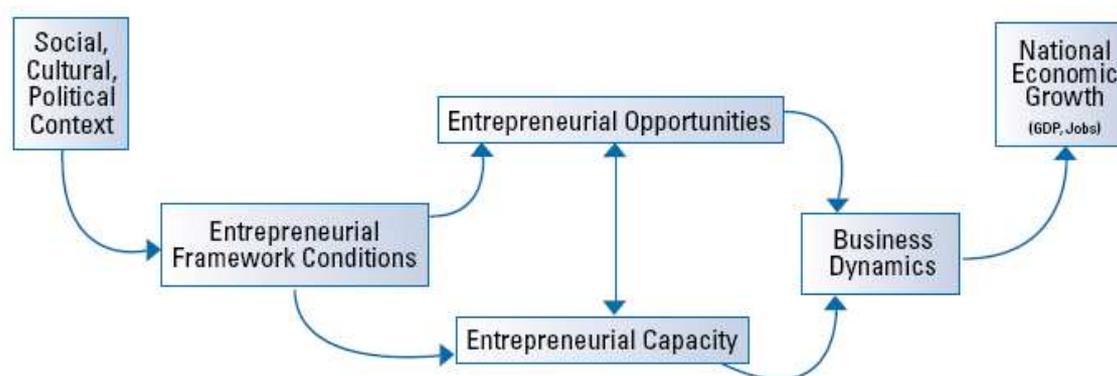


Figura 3. Modelo do Monitor de Empreendedorismo (Reynolds et al. 1999)

Como contexto social, cultural e político, compreende-se a estrutura demográfica, o sistema de educação, as características culturais e as normas sociais nacionais. Como condições para o empreendedorismo, inclui-se o papel do governo e das instituições financeiras na promoção do empreendedorismo, nível de pesquisa e desenvolvimento (P&D) e a transferência tecnológica por meio da iniciativa privada, a qualidade da estrutura física para negócios, a eficiência do mercado de trabalho e as instituições legais e sociais (Reynolds, 1999).

A disposição política em promover empresas “*start-ups*” pode influenciar a atividade empreendedora. As políticas empreendedoras devem ser desenvolvidas com o objetivo de criar uma cultura do empreendedorismo, encorajar novos empreendedores e suportar os primeiros três a quatro anos de vulnerabilidade das empresas “*start-ups*” para influenciar um trajeto nacional de crescimento.

Stevenson *et al* (2007) propôs cinco áreas para as políticas de incentivo ao empreendedorismo: (1) regulamentação: condições administrativas, barreiras de entrada, mercado de trabalho, legislação de falências, impostos e políticas de recompensa ao risco; (2) financiamento: políticas para débito e capital de risco assim como política fiscal; (3) Orientação: políticas e programas de governo e infraestrutura; (4) Educação empreendedora e (5) Cultura empreendedora e de tomada de risco.

Smallbone *et al* (2004) sugeriu que os governos em economias de transição devessem evitar a proliferação e a fragmentação de agências de apoio para não confundir os proprietários de empresas. O conceito de empreendedorismo deve ser difundido como um conceito de grande valor na sociedade; lutar contra à corrupção é também uma das maneiras de desenvolver e aumentar a aceitação das empreendedores pela sociedade, porque a corrupção contribui para a formação de uma imagem negativa dos empresários.

No modelo da GEM, as circunstâncias nacionais estimulam a atividade empreendedora por meio de duas dimensões principais: as oportunidades e a capacidade empreendedora. Essas dimensões são conhecidas como os principais fatores que levam ao empreendedorismo.

Como oportunidades empreendedoras entendemos a aceitação do mercado para produtos ou serviços novos que uma empresa pode oferecer. Não só a existência das oportunidades de negócio é importante para impulsionar a criações de novas empresas, como também a percepção das oportunidades.

A capacidade empreendedora engloba as habilidades e a motivação de um indivíduo para explorar as oportunidades do mercado e para começar uma nova empresa. As habilidades e a motivação precisam atuar em conjunto; uma não é suficiente sem a outra. Alguns autores

propõem uma segunda divisão para os mesmos conceitos, sendo então três principais fatores que levam ao empreendedorismo: as oportunidades, as habilidades e a motivação.

Os fatores, enfim, que conduzem ao empreendedorismo afetam a dinâmica regional de negócios – o que indica a criação ou extensão de novas empresas ou de atividade empreendedora. Entende-se que, em um mercado competitivo, o alto nível de criação de novas empresas é uma das razões da morte de outras menos competitivas. A figura 4 mostra um diagrama mais detalhado do modelo GEM.

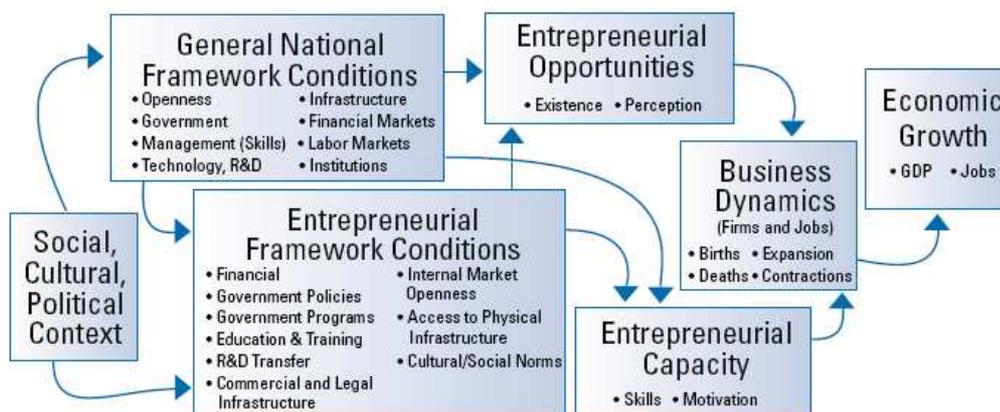


Figura 4. Modelo do Monitor de Empreendedorismo detalhado (Reynolds et al. 1999)

Entre os fatores que podem levar a um aumento do nível nacional de empreendedorismo, Reynolds *et al* (1999) ressalta seis principais que capturam o que há de mais importante: (1) a capacidade empreendedora e (2) as oportunidades de negócio, ambas já descritas em nosso texto, e entre as condições estruturais nacionais: (3) a infraestrutura, (4) a demografia, (5) a educação e (6) a cultura.

Por infraestrutura, Reynolds *et al* (1999) entende a disponibilidade de área e de capital para financiamento, as facilidades, os empregados, os fornecedores, o auxílio do governo, o custo dos serviços públicos, um bom sistema de transporte, concessões tributárias, empréstimos

subsidiados e todos os demais fatores exigidos na produção de bens ou serviços. Entre esses fatores, quatro aspectos parecem ter uma relação mais próxima ao empreendedorismo: (1) disponibilidade de financiamento, (2) disponibilidade e custos de serviços profissionais apropriados, (3) potencial de transferência de P&D e (4) flexibilidade do mercado de trabalho interno. Outros autores, entretanto, afirmam que a disponibilidade de capital de investimento é a variável mais importante dentro da infraestrutura no que tange a promoção de empreendedorismo (Shane 2001; Stevenson *et al* 2007).

Infraestrutura de negócios, como infraestrutura de comunicação, acesso à Internet, rodovias em bom estado e disponibilidade de transporte aéreo, marítimo e terrestre, apesar de contribuírem para o desenvolvimento das empresas já estabelecidas, não parecem desempenhar papel relevante no incentivo à atividade empreendedora.

Diversos aspectos da demografia contribuem para o empreendedorismo. Em nossa revisão de literatura, identificamos que o nível de aglomeração urbana parece ser o aspecto demográfico mais importante para promover criação de novos negócios (Davidson, 2001; Tödting *et al*, 2003). Outras variáveis também são classificadas como críticas, tais como a faixa etária da população e o crescimento demográfico (Reinolds e outros 1999).

Alguns autores vão além da dimensão demográfica das regiões e afirmam que, junto ao nível de aglomeração, a estrutura setorial exerce forte influência na criação de novas empresas. O número de pequenas empresas na região também cria um ambiente positivo para que outros empreendedores abram seus próprios negócios (Davidson, 2001; Shane, 2001; Tödting *et al*, 2003). O fator de crescimento do desemprego foi proposto por Rotefoos (2005) como outra variável que influi na atividade empreendedora.

Podemos dividir o sistema de educação em três tipos: educação continuada (escolas e universidade), educação técnica (escolas de informática) e educação empreendedora (empreendedorismo e gestão).

Embora tendamos a acreditar que a educação continuada possa beneficiar o empreendedorismo, Reynolds *et al* (1999) afirmam que há apenas uma fraca relação entre criação de novas empresas e nível educacional secundário ou superior.

Como políticas de treinamento de empreendedorismo em escolas ou universidades, a literatura recomenda três principais abordagens: (1) uma cultura empreendedora que permeie todos os cursos (2) cursos específicos de empreendedorismo para alunos que queiram aprender mais sobre o tema e (3) programas de formação específicos para aqueles que querem formar seu próprio negócio (Garavan *et al*, 1994 apud Klofsten, 2000).

A cultura é como um “iceberg”; apenas uma pequena parte é vista sobre a superfície, mas a maior porção fica submersa e oculta. Essa metáfora revela a profunda essência do conceito de cultura nacional.

Hofstede (1980) publicou um estudo clássico sobre a cultura internacional. Em seu trabalho, forneceu quatro dimensões principais para explicar o comportamento cultural de diferentes nações. Estas dimensões foram batizadas de dimensões de Hofstede e são: Distância do poder (PDI) - nível em que a sociedade aceita que o poder seja distribuído de forma desigual; Aversão à incerteza (UAI) - nível de tolerância social à incerteza e à ambiguidade; Individualismo (IDV) - contra o oposto coletivista, mede o grau em que os indivíduos estão integrados em grupos; e Masculinidade (MAS) - contra o oposto da feminilidade, refere a distribuição dos papéis entre os gêneros. Uma quinta dimensão foi inserida mais tarde ao

estudo original, chama-se (LTO) Orientação de longo prazo - valores associados à economia e perseverança.

Uma análise de como as dimensões culturais de Hofstede influenciam o empreendedorismo revelou que o nível de nascimento de novas empresas tende a ser mais alto em culturas com baixo índice de Distância de poder, baixo índice de Aversão à incerteza, alto índice de Individualismo e alto índice de Masculinidade (Rusell, 2004). Fatores estes estreitamente relacionados com culturas anglo-saxões, que são frequentemente conhecidas como as culturas mais empreendedoras do mundo. Outros autores adicionam que um LTO elevado influencia positivamente o empreendedorismo; por outro lado, discordam sobre a influência da dimensão de PDI, afirmando que um alto índice de Distância de poder na sociedade pode influenciar positivamente a atividade empreendedora (Busenitz *et al*, apud 1996 Forbes 1999).

Encontramos na literatura que a relação entre as dimensões de Hofstede e empreendedorismo é controversa. Por exemplo, Bouncken e outros (2009) afirmaram que há uma relação negativa da distância do poder sobre a atividade empreendedora, sendo que as suposições sobre uma relação com coletivismo e com individualismo não são sustentadas. Outros pesquisadores (e. g. Busenitz *et al.*, 1996; e. g. Minoti, 2001; Mitchell *et al.*, 2000; Morris *et al.*, 1994) sugerem que somente o individualismo tenha impacto positivo no empreendedorismo. Devido a essas controvérsias, entendemos que a literatura ainda não é conclusiva sobre as relações entre as dimensões de Hofstede e a atividade empreendedora de uma região.

De fato, a maioria dos autores descreve a cultura empreendedora como um estereótipo do empreendedor: individualista, propenso a riscos, e “*cowboy*” competitivo.

Estudos sobre o pensamento do empreendedor (teoria da cognição) identificam três aspectos culturais principais do comportamento que conduzem ao empreendedorismo: (1) inovação e criatividade - a tendência ser criativo no pensamento e na ação; (2) tolerância ao risco - a propensão dos indivíduos em empreender atividades arriscadas e acreditar que suas oportunidades de êxito são mais elevadas que as de outros; (3) necessidade de autorrealização - que podem ser resumidos na tendência do indivíduo em acreditar que possa influenciar a vida alheia e no nível individual de energia (Forbes 1999; Thomas e outros 2000; Shane 2001).

Um último comportamento empreendedor que merece ser citado refere-se à preferência para fontes informais de informação, de redes de comunicação “boca-a-boca” a publicações formais. Empreendedores são menos racionais que administradores profissionais, possuem autoconfiança exacerbada e maior confiança no efeito de representatividade heurística, tendendo a basear suas decisões em “regras de bolso” (Forbes 1999).

3 METODOLOGIA

O principal objetivo deste estudo é compreender como as circunstâncias nacionais atuam de forma a criar um ambiente mais propício para o desenvolvimento da atividade empreendedora. Esta ampla questão pode ser abordada por diferentes ângulos e, assim, conduzir a diferentes *insights*. Esta seção explicará os métodos usados nesta pesquisa.

Para desenvolver um estudo comparativo entre países tão diferentes e distantes, uma abordagem construtivista, baseada em entrevistas e pesquisa qualitativa, parece ser mais apropriada. Devido a fatores como a amplitude do escopo de nossa pergunta de pesquisa, a diferença cultural e as barreiras linguísticas, é difícil compreender claramente nossa questão. Em tal situação, Ghauri *et al* (2002) recomendam seguir uma abordagem exploratória, observando a natureza do tema da pesquisa, coletando informações para, no fim, formatar explicações.

Maxwel (2005) postulou que os trabalhos qualitativos não devem apenas prover um sumário de publicações teóricas de terceiros; trabalhos qualitativos devem sim, combinar artigos publicados com a experiência do autor. Atuando desta forma, o trabalho de pesquisa pode fornecer não somente uma coleção de experimentos, mas também uma visão crítica do fenômeno.

Uma das metodologias desenvolvidas para orientar uma pesquisa qualitativa é chamada de modelo “interativo” (veja figura 5). Esta metodologia recomenda não um desenvolvimento linear da pesquisa, mas revisões periódicas de seus principais elementos em um desenvolvimento circular, com o objetivo de dar qualidade e validade ao conhecimento em produção. O modelo “interativo” organiza os principais elementos de uma pesquisa: os objetivos, o mapa conceitual, as perguntas da pesquisa, os métodos e a validade (Maxwel, 2005).

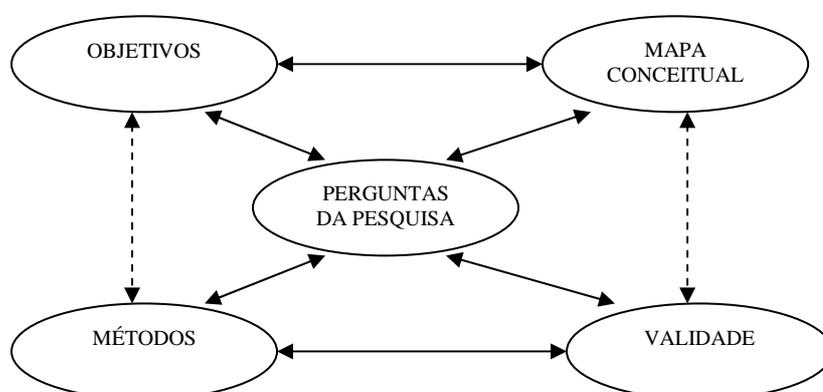


Figura 5. Modelo interativo de desenvolvimento de pesquisa (Maxwel, 2005)

Como os objetivos e a pergunta da pesquisa já foram definidos, procuraremos nesta seção esclarecer o mapa conceitual, os métodos e a validade da pesquisa.

Para elaborar o mapa conceitual, selecionamos e comparamos seis trabalhos sobre as melhores condições para estimular a atividade empreendedora. A tabela 3 organiza-os, separando os já apontados disparadores e condições nacionais do empreendedorismo, buscando equivalência entre as dimensões. Marcamos em cinza uma compilação das principais condições nacionais para a promoção do empreendedorismo: cultura, regulamentação, sistema educacional, infraestrutura, demografia e de estrutura setorial. O critério usado para a seleção dessas dimensões foi similaridade e agrupamento.

	Reynolds et al, 1999	Davidson, 2001	Shane, 2001	Tödtling et al, 2003	Rotefoos, 2005	Stevenson et al. 2007
D E M O G R A F I A	Oportunidades		Oportunidades			Oportunidades
	Capacidade					Habilidades Motivação
C O N D I Ç O E S A M B I E N T A I S	Cultura	Cultura			Éthos Político (Cultura empreendedora)	Cultura
		Legislação				Regulamentação
		Sistema tributário				
	Educação	Sistema educacional				Formação em empreendedorismo
	Infraestrutura	Infraestrutura	Acesso a capital			Financiamento
			Intenso P&D			Orientação
	Demografia	Aglomeração		Aglomeração	Aglomeração urbana	
		crescimento populacional				
		Crescimento da demanda		Estrutura setorial		
					Desemprego	
		Concentração de indústrias				
	Nível de outras pequenas empresas	Número de pequenas empresas				

Tabela 3. Dimensões ambientais que influenciam a atividade empreendedora

Uma vez determinadas as dimensões mais importantes para a promoção do empreendedorismo, consolidando os modelos apresentados no capítulo da revisão de literatura, desenvolvemos nosso modelo conceitual para, assim, tentar responder nossas perguntas de pesquisa. O modelo abaixo (figura 6) parte das quatro dimensões de Gartner, englobando, nessas dimensões, os fatores mais relevantes para a promoção de atividade empreendedora dentre as condições nacionais. Nossa proposta de mapa conceitual busca também identificar os principais disparadores para o empreendedorismo, a nova empresa e as fases iniciais do processo empreendedor. Da mesma forma, buscamos organizar as quatro dimensões de Gartner em uma sequência de causa e efeito.

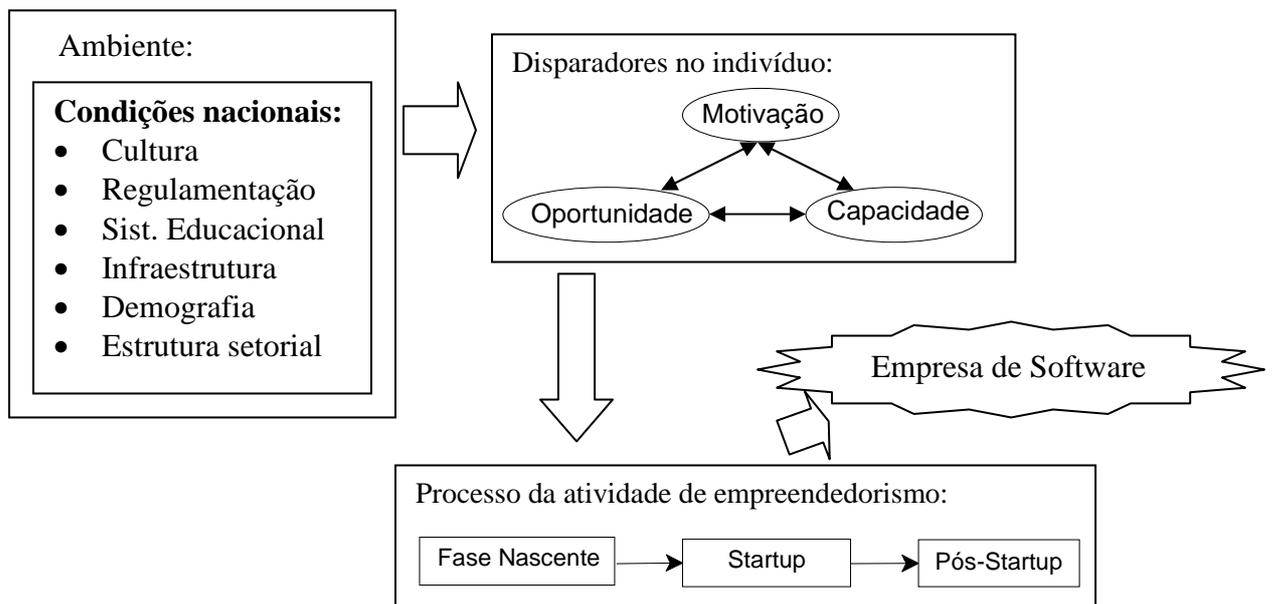


Figura 6. Um modelo para compreensão das influências do ambiente na criação de novas empresas

O seguinte método foi usado para mapear as condições nacionais no Rio de Janeiro e na Estônia. Nossa proposta é basear a coleta de dados nas principais circunstâncias nacionais, identificadas como melhores condições para a atividade empreendedora.

Para cada uma das seis condições já apresentadas (cultura, regulamentação, sistema educacional, infraestrutura, demografia e estrutura setorial) escolhemos algumas variáveis intermediárias (*proxys*) disponíveis em bases de dados públicas. Os seguintes *proxys* foram escolhidos:

- cultura: Índices culturais de Hofstede;
- regulamentação: ranking mundial “*Doing Business*”;
- sistema educacional: estatísticas públicas sobre educação;
- infraestrutura: relatórios institucionais públicos e privados;
- demografia: dados públicos sobre população e crescimento;

- estrutura setorial: dados sobre emprego e sobre o perfil da indústria.

Para melhor investigar as condições favoráveis ao empreendedorismo em nosso mapa conceitual, fizemos também entrevistas com proprietários de empresas de software no Rio de Janeiro e na Estônia. Foram selecionadas duas empresas no Rio de Janeiro e três empresas na Estônia que, no decorrer das entrevistas mostraram-se suficientes para responder às nossas perguntas da pesquisa. O grupo de entrevistas foi arrematado com um bate-papo com o chefe do Centro de Empreendedorismo da Universidade de Tartu, Estônia, um dos centros mais reconhecidos do país. O levantamento de dados por meio de entrevistas é recomendado por Ghauri (2002) como um método apropriado uma pesquisa exploratória. Cada entrevista consumiu cerca de uma hora de nossos entrevistados.

O questionário utilizado e o sumário das entrevistas podem ser encontrados no anexo 1 e no anexo 2, respectivamente. Sempre que possível, buscou-se a variabilidade da amostra na seleção de entrevistas, com critérios como o foco do negócio, o tamanho e a idade da empresa.

A validade do conhecimento produzido indica a qualidade da pesquisa. Um bom trabalho deve ter a validade interna e externa. Internamente, deve-se responder as perguntas propostas. Externamente, o ideal é generalizar os resultados. Essas proposições guiaram nosso trabalho desde o início do estudo.

4 O EFEITO DO AMBIENTE NA CRIAÇÃO DE NOVAS EMPRESAS DE SOFTWARE

4.1 VISÃO GERAL DO SETOR DE SOFTWARE NAS REGIÕES SELECIONADAS

Uma pequena amostra da atividade do setor terciário no Brasil, entre 1996 e 2002, nos mostra um aumento de 80.2% no número de empresas e índice de contratação de empregados 57.6% maior que nas atividades industriais, sendo, com grande folga, o segmento que mais se desenvolveu no país (Moraes *et al*, 2005).

Observando o mercado estoniano entre 2000 e 2005 vemos que o número de empresas de prestação de serviços quase dobrou. Atividades tecnológicas cresceram de forma ainda mais rápida, sendo que, em 2005, havia quase 130% de empresas a mais em relação a 2000 (Stat.ee, 2009). Apesar dessa taxa de crescimento expressiva, o percentual de empresas de serviços tecnológicos, em 2006, ainda representava apenas 2,6% do total de pequenas e médias empresas (PME) na Estônia (Etevõtlus, 2008).

Fatores como baixas barreiras de entrada, alta demanda de serviços pelo mercado e status em ser empresário atende os indivíduos nas três principais condições para a atividade empreendedora: capacidade, oportunidade e motivação (Reynolds *et al*, 1999; Stevenson *et al*, 2007). Algum treinamento e equipamentos básicos, como computadores e telefones, fornecem a capacidade; a grande necessidade do mercado por serviços de software, principalmente, em

regiões de aglomeração populacional, fornece as oportunidades e, por fim, a motivação que resulta da competitividade no sistema capitalista, ou mesmo da necessidade devido à ausência de emprego ou precariedade financeira.

Essa taxa expressiva de crescimento de novas empresas prestadoras de serviços tem um efeito direto: o aumento da competitividade e, conseqüentemente, alta taxa de mortalidade de empresas nas fases iniciais do empreendimento. No estado de Rio de Janeiro, o índice de mortalidade pode chegar a 90% se considerados os primeiros cinco anos de operação (ACRJ, 2009). A Estônia tem uma taxa significativamente mais baixa, cerca de 55% nos primeiros quatro anos de operação (Ettevõtlus, 2008).

Olhando por uma perspectiva ecológica, é muito difícil para uma empresa jovem ser reconhecida pelo mercado. É ainda mais difícil quando a empresa opera em um grande e competitivo mercado, como o brasileiro. As empresas estonianas, por outro lado, se veem diante de maior competitividade ao buscar expansões internacionais, como relações comerciais com os países mais desenvolvidos da Europa.

O governo estoniano demonstra mais competência em fornecer um ambiente empreendedor mais propício que os governos do Rio de Janeiro e do Brasil. A tabela 4 mostra essa atividade de empreendedorismo no Brasil ainda mais alta que na Estônia. O índice do TEA mede o número de pessoas que estão tentando começar seu próprio negócio ou já são proprietários de alguma nova empresa.

Índice TEA (2005)	Estônia: 5% ^(a)	Brasil: 12.7% ^(b)
Taxa de mortalidade	Estônia: 54,6 % ^(d) nos 4 anos iniciais	Rio de Janeiro: 90 % ^(c) nos 5 anos iniciais

Tabela 4. Atividades empreendedoras.

Fontes: (a) Minniti et al 2005 apud Mets 2005 (b) Grecco et al 2006 (c) CIDE, 2009 (c) Ettevõtlus, 2008

O estado do Rio de Janeiro é o segundo mais rico do Brasil e responde por 14,45% do PIB nacional. Perde apenas para o estado de São Paulo, o centro financeiro e econômico do país. Espalhada em uma área de 44 mil metros quadrados, a população do Rio, de 15,5 milhões de habitantes, é maior que a de muitos países europeus; sendo que mais da metade da população do estado concentra-se na área metropolitana ao redor da capital. (Tabela 5)

	Estônia	Rio de Janeiro	Brasil
População	1.341 M ^(a)	15.420 M ^(d)	183.987 M ^(d)
Área	45 226 m ² ^(a)	43 910 m ² ^(d)	8 514 877 m ² ^(d)
PIB	US\$ 20,7 B ^(a)	US\$ 190 B ^(b)	US\$ 1 314 B ^(c)
PIB per capita (PPP)	US\$ 15 446 ^(a)	US\$ 12 030 ^(b)	US\$ 6 941 ^(c)
Taxa de crescimento do PIB	6,3 % ^(e)	3,29 % ^(b)	5,4 % ^(c)
Salário médio	US\$ 983	US\$ 633 ⁽²⁾	US\$ 480

Tabela 5. Dados econômicos do Brasil e da Estônia – Ano base 2007

Fontes: (a) Statistics Estonia, 2008 (b) CIDE, 2009 (c) Banco Central do Brasil, 2007

(d) IBGE, 2008 (e) Eurostat, 2009 - Obs: (1) 2º trimestre de 2008, (2) Área Metropolitana

O estado do Rio possui as mais importantes reservas de petróleo nacionais. A Petrobras, a maior empresa de petróleo da América Latina, é certamente o maior representante da economia do estado. A Petrobras possui tantas operações em segmentos distintos em todo o estado que impulsiona a demanda de serviços na região. A cidade do Rio de Janeiro é também sede de grandes empresas brasileiras de telecomunicações. Sua posição geográfica central, a infraestrutura tecnológica e a disponibilidade da mão-de-obra qualificada oferecem as condições necessárias para o estabelecimento desse setor. A Vale, uma das maiores companhias de mineração do planeta, encerra o grupo de gigantes multinacionais cujo centro executivo localiza-se no Rio de Janeiro.

O Brasil, assim como outros países do BRIC, experimentou uma rápida expansão de sua classe média nos últimos anos; muitos que viviam de forma precária ou abaixo da linha de

pobreza agora têm poder de compra de produtos eletrônicos ou de lazer. Essa prosperidade nacional impulsionou uma série de indústrias e, entre outras, a de prestação de serviços.

Por trás desse forte mercado econômico, subjaz um governo burocrático e corrupto. Os serviços públicos são na maioria das vezes muito caros e ineficientes, com grande número de empregados e baixa produtividade. Para o setor privado, a incapacidade do governo é tolerada devido a um grande número de oportunidades de negócio. Para que uma nova empresa que encontra uma oportunidade do mercado possa operar, é necessário captar recursos próprios e despender muita energia no objetivo de desenvolver o negócio.

A economia da Estônia é pequena. O PIB nacional em 2007 foi de US\$ 20.7 bilhões, aproximadamente dez vezes menor que o do estado do Rio de Janeiro. Entretanto, se considerarmos que a Estônia tem uma população de apenas 1.3 milhões de habitantes, não é necessariamente um mau desempenho. O PIB *per capita* é mais que o dobro do brasileiro. Em questões territoriais, o tamanho do país é semelhante ao estado do Rio de Janeiro com uma área de 45 mil metros quadrados (tabela 5).

A Estônia é uma nação muito moderna; tanto que gosta de se autodenominar “E-stônia” devido a grande disponibilidade de serviços e infraestrutura tecnologia. Depois da independência do bloco soviético, uma nova geração jovem de políticos teve a oportunidade de reconstruir um país aplicando políticas e serviços modernos. A maioria dos serviços públicos é acessível via Internet. Processos complexos, como eleições, registros de novas empresas e pagamento de impostos, podem ser feitos por meio do computador. O setor público é um dos principais consumidores de serviços de TI no país. O amplamente difundido cartão pessoal de identificação eletrônica (espécie de carteira de identidade) e a aceitação legal da assinatura digital são as bases para muitos serviços oficiais baseados na Internet.

Como o sistema energético predominante é baseado em óleo de xisto, a Estônia é quase independente energeticamente. A Eesti-Energia é a maior empresa nacional e principal fornecedora de energia elétrica e térmica nos Países Bálticos (Eesti Energia, 2009). Em matéria de grandes empresas, a Eesti-Energia é seguida pela associação comercial Kesko, por empresas de telecomunicações e pelo grupo Tallink de transporte marítimo, que conecta o país com outras nações ao redor do mar Báltico.

Por mais de cinco anos a Estônia viveu uma média percentual de crescimento de seu PIB de dois dígitos anuais. Nessa economia favorável, muitos setores progrediram, sendo o setor terciário um dos mais beneficiados. Entretanto, inovação é ainda algo demasiado caro e arriscado para as empresas estonianas. Isto porque o mercado estoniano ainda é fraco e com pouca especialização, com uma taxa de exportações também baixa (Kattel *et al*, 2006). Um legado de cinquenta anos de estagnação sob o domínio socialista não pode ser apagado em apenas quinze anos de independência.

O governo demonstra ser muito mais eficiente na Estônia que no Brasil. Duas fundações destinadas ao desenvolvimento econômico e de negócios classificaram a Estônia entre as nações mais bem administradas do mundo, enquanto o Brasil circula junto a países africanos por volta da 100ª colocação. A tabela 6 mostra dois rankings, a classificação de liberdade econômica da *Heritage Foundation* (2009) e o índice *Doing Business* do Banco Mundial (2009).

Economic Freedom Score			Doing Business		
Estonia		Brazil	Estonia		Brazil
76,4	Score (bigger is better)	56,7	22.0	Score (smaller is better)	125.0
13th	World Ranking Position	105th	23th	World Ranking Position	127th
75,9	Business Freedom	54.4	23.0	Starting a Business	127.0
85.8	Trade Freedom	71.6	19.0	Construction Permits	108.0
81.5	Fiscal Freedom	65.8	163.0	Employing Workers	121.0
67.3	Government Size	50.3	24.0	Registering Property	111.0
79.7	Monetary Freedom	77.2	43.0	Getting Credit	84.0
90.0	Investment Freedom	50.0	53.0	Protecting Investors	70.0
80.0	Financial Freedom	50.0	34.0	Paying Taxes	145.0
90.0	Property Rights	50.0	5.0	Trading Across Borders	92.0
65.0	Fdm. from Corruption	35.0	30.0	Enforcing Contracts	100.0
48.5	Labor Freedom	62.7	58.0	Closing a Business	127.0

Tabela 6. Rankings econômicos mundiais.
Fonte: (Heritage Foundation, 2009; The World Bank, 2009)

No atual período, com a crise econômica mundial, a Estônia como uma das nações que cresceram mais rapidamente na última década, está agora entre os países mais arriscados do mundo. O Brasil, por outro lado, tem mais chances de uma rápida recuperação da crise econômica. Nos próximos anos, a competição internacional com multinacionais americanas de software (Accenture, EDS, Microsoft, Oracle, etc.) tenderá a ser mais acirrada já que essas empresas precisarão recuperar suas perdas, trazendo ainda mais competição aos mercados.

4.2 O PAPEL DAS CONDIÇÕES NACIONAIS

Entre as circunstâncias nacionais, seis dimensões emergem como mais relevantes na estimulação de novas empresas. A literatura aponta cultura, regulamentação, sistema educacional, demografia, infraestrutura e estrutura setorial como os principais fatores que conduzem ao empreendedorismo.

A partir deste ponto da pesquisa, iremos analisar como esses fatores se apresentam no Rio de Janeiro e na Estônia, por meio de coleta de dados públicos e de entrevistas com empresários.

Ao final do capítulo, forneceremos uma análise consolidada, que será confrontada com os resultados descritos na literatura.

4.2.1 CULTURA

A cultura é a primeira condição nacional de nosso modelo a impactar o empreendedorismo. O indivíduo tipo A, altamente competidor e individualista, está presente na sociedade norte-americana, vista em muitos estudos como a cultura mais empreendedora no mundo. Alguns pesquisadores orientam que as nações devam induzir este tipo de comportamento a fim de promover o empreendedorismo. Entretanto, por exemplo, estudos mais modernos sobre culturas asiáticas, mostraram que outros valores, como o desejo por status social, podem igualmente estimular um ambiente empreendedor. (Begley *et al*, 2001)

Os estudos encontrados na literatura sobre cultura abordam diferentes perspectivas. Enquanto alguns estudos concentraram-se em características culturais nacionais, outros focam no comportamento individual. O tema de políticas para o desenvolvimento busca identificar como a cultura empreendedora pode ser estimulada pelos governantes.

Hofstede (1980) desenvolveu cinco dimensões para comparar a cultura entre nações. Como podemos ver na tabela 7, a dimensão que apresenta a maior diferença entre o Brasil e a Estônia é o nível de individualismo da população. Os países latinos são conhecidos por serem mais coletivistas, onde grupos sociais possuem forte relacionamento social; amigos e famílias unem-se com o compromisso de se protegerem. A Estônia, por sua vez, é uma sociedade muito individualista, na qual o comportamento esperado é o de olhar primeiramente para si mesmo e depois para a família nuclear. A distância do poder é a segunda dimensão com maior

diferença entre as culturas: enquanto a Estônia parece ser uma sociedade mais igualitária, o Brasil parece ter forte aceitação pela desigualdade da população.

Dimensão	Estônia	Brasil	Distância Cultural
Distância do poder (PDI)	43	69	26
Individualismo (IDV)	74	38	36
Masculinidade(MAS)	60	49	11
Aversão à incertezas (UAI)	60	76	16
Orientação de longo prazo (LTO)	N/A	65	

Tabela 7. Dimensões culturais de Hofstede
Fontes: Hofstede (2009), Vadi e Meri (2005)

Enquanto a distribuição cultural brasileira é similar aos países latino-americanos, a Estônia parece ter herdado uma mistura da cultura dos países nórdicos e dos países do leste europeu. Calculando a distância cultural (figura 7) entre ambos, obtemos um alto índice: quase 50% de divergência cultural.

$$CulturalDistance(i, j) = \sqrt{(PDI_i - PDI_j)^2 + (UAI_i - UAI_j)^2 + (IDV_i - IDV_j)^2 + (MAS_i - MAS_j)^2}$$

Figura 7. Fórmula da Distância Cultural. (Koguth and Sigh, 1988 apud Thomas et all 2000)

A maioria das pesquisas sobre o tema aponta para uma influência positiva de sociedades com alto índice de Distância do poder (PDI) na atividade empreendedora (Busenitz *et al*, apud 1996 Forbes 1999; Bouncken *et al*, 2009). Isto ocorre possivelmente porque em sociedades de PDI baixo, há uma situação de conforto para os indivíduos de padrão mais baixo, enquanto culturas com maiores índices de Distância do poder parecem gerar nos cidadãos o desejo de escapar dos grupos sociais inferiores.

Estudos cognitivos identificam três principais comportamentos relacionados à alta taxa de empreendedorismo: inovação, tolerância ao risco e necessidade de realização. (Forbes 1999; Thomas *et al* 2000; Shane 2001). Nossos entrevistados na Estônia e no Brasil, a maioria é composta por jovens empreendedores, demonstraram possuir essas características.

Diferentemente da cultura do Rio de Janeiro, a Estônia tem uma boa aceitação social dos empreendedores. Ser empreendedor significa ser independente e o poder de decidir seu destino é algo muito importante para os estonianos (entrevista de Mets, 2009). Talvez por causa de sua história de dominação. O oposto ocorre no Brasil, onde uma mentalidade de certa forma retrógrada, mas presente na sociedade, revela que o indivíduo só consegue ganhar dinheiro corrompendo-se ou explorando os menos capacitados. É comum a brasileiros sonharem com um emprego público, com estabilidade financeira e sem riscos, mesmo que isto implique em baixa remuneração.

4.2.2 REGULAMENTAÇÃO

Somos governados por leis, regras e tradições. O sistema de regras de um país pode facilitar ou dificultar a vida de seus cidadãos. O mesmo ocorre em relação ao empreendedorismo. Há evidências, mesmo que fracas, sobre as influências da regulamentação na criação de novas empresas.

Entretanto, um ambiente regulatório favorável para a iniciativa privada pode atrair capital à região, criando novas oportunidades de negócio. Para jovens empreendedores, uma boa política regulamentar pode ser ainda mais relevante, reduzindo a chamada “responsabilidade de ser novo”, poupando tempo e liberando recursos que poderiam ser gastos com impostos ou com burocracia para projetos de desenvolvimento.

Stevenson *et al* (2007) sugeriu que os políticos devessem abordar alguns pontos específicos para tornar o ambiente melhor para empreendedores. Sugeriu que boas circunstâncias administrativas, baixas barreiras de entrada, legislação trabalhista favorável, leis de falência e políticas fiscais são temas importantes da questão regulamentar para reduzir a informalidade e estimular o empreendedorismo.

As condições nacionais para a promoção de novos negócios foram analisadas pelo Banco Mundial em seu programa chamado ranking “*Doing Business*”. Ao compararmos as recomendações de políticas elaboradas por Stevenson com as do Banco Mundial podemos obter uma boa representação para avaliar o ambiente regulamentar em ambas as regiões. A tabela 8 mostra as dimensões do ranking “*Doing Business*” e, junto com áreas de política de Stevenson, compara-as e destaca o que compreendemos como mais relevante para operação no setor de prestação de serviços.

Stevenson et al 2007	<i>Doing Business</i> – Banco Mundial	
Poucas barreiras de entrada	<i>Abertura de um negócio</i>	Procedimentos, tempo, custos e capital inicial mínimo para abrir um novo negócio.
Políticas tributárias	<i>Pagamento de impostos</i>	Número de pagamento de impostos, tempo de preparação e pagamento, total de taxas, percentual de taxas
Leis trabalhistas favoráveis	<i>Contratação de empregados</i>	Índice de dificuldade de contratação, índice de horas fixas, índice de dificuldade de demissão, custos de demissão.
Condições administrativas	<i>Obtenção de licenças</i>	Procedimentos, tempo e custos para obter licenças de construção, inspeções e serviços de conexão
	<i>Comércio exterior</i>	Documentos, tempo e custos de exportação e importação
	<i>Registro de propriedade</i>	Procedimentos, tempo e custos de transferência de imóveis comerciais.
	<i>Contratos</i>	Procedimentos, tempo e custos para resolver uma disputa comercial.
Leis de falência	<i>Extinção de negócios</i>	Imposto de indenização, recuperação em caso de falência
	<i>Obtenção de crédito</i>	Força do índice de direitos legais, abrangência do índice de informação de crédito

	<i>Proteção a investidores</i>	Força do índice de proteção ao investidor:
--	--------------------------------	--

Tabela 8. Análise das variáveis da regulamentação (Banco Mundial, 2009; Stevenson et al 2007)

Quando um novo empresário decide por abrir um negócio e operar legalmente, revelam-se diversos obstáculos e custos que podem desmotivar a muitos. O ranking “*Doing Business*” avaliou os procedimentos necessários para obtenção de todas licenças e autorizações para começar a operar um empreendimento de porte pequeno ou médio. A tabela 9 a seguir compara o índice em questão entre o Brasil e a Estônia.

Dados sobre abertura de um negócio	Estônia	Brasil
Rank	23	127
Procedimentos (números)	5	18
Duração (dias)	7	152
Custos (% GNI per capita)	1.7	8.2
Capital mínimo (% of GNI per capita)	23.7	0.0

Tabela 9. Dados comparativos referentes à abertura de um negócio. (*Doing Business*, 2009)

A diferença entre a quantidade de procedimentos necessários para se abrir um negócio e a duração de todo o processo é surpreendente quando comparamos o Brasil e a Estônia, sendo o governo estoniano extremamente mais eficiente. Em compensação, enquanto o capital mínimo exigido para abrir um negócio no Brasil é apenas uma formalidade, na Estônia ele precisa ser pago.

Abrir um negócio na Estônia pode ser feito completamente via Internet. Por meio do recurso *ID-Card* e das facilidades permitidas pela assinatura digital, a petição é feita automaticamente pelo website e submetida ao registro nacional por meio da Internet. As taxas e o capital para iniciar as operações também podem ser pagos pelo *Internet-banking*; em uma semana ou menos, o aplicador recebe um e-mail do governo com o número de seu registro e a permissão para começar a operar o negócio.

No Brasil, o legado da burocracia e a criação de diversas instituições distintas fornecem ao novo empreendedor um complexo “quebra-cabeça” para iniciar as operações. Para ser ter uma ideia da morosidade do processo formal de abertura de um negócio no Rio de Janeiro, descrevemos passo-a-passo as etapas:

- verificar o nome da empresa no Escritório de Registro Comercial do estado;
- registrar-se na Secretaria de Receita Federal;
- cadastrar-se no Instituto Nacional da Segurança Social (INSS);
- registrar-se na Secretaria de Fazenda Municipal;
- registrar-se junto ao Estado;
- registrar-se na Junta Comercial do Estado;
- imprimir as notas fiscais em alguma firma de impressão autorizada;
- obter a autorização do corpo dos bombeiros;
- obter a licença das operações municipal (“Alvará”);
- registrar-se no Programa Social da Integração (PIS);
- abrir um fundo para o garantia do trabalhador (FGTS);
- notificar o Ministério do Trabalho;
- registrar-se no sindicato Patronal e no sindicato dos empregados.

De fato, a maioria das pessoas desconhece os procedimentos para abrir uma empresa. Normalmente os empreendedores pagam contadores ou “despachantes” para executar os inúmeros e dispendiosos passos para se abrir um negócio.

Pagar impostos é essencial para manter em operação os serviços do governo e a infraestrutura pública. Facilidades de procedimentos e baixos tributos são fundamentais para manter

empresas fora da informalidade. A tabela 10 abaixo descreve o tempo e capital gastos durante um ano para manter um negócio de médio porte em operação.

Dados sobre pagamento de impostos	Estonia	Brazil
Rank	34	145
Tempo (horas)	81	2600
Índice total de impostos (% lucro)	48.6	69.4
Pagamentos (número)	10	11

Tabela 10. Dados comparativos referentes a pagamento de impostos. (Doing Business 2009)

O número de horas dedicado a tributos no Brasil é cinco vezes maior que na Estônia. Se um novo empreendedor decidir cuidar dos tributos referentes a sua operação e a seus primeiros empregados por conta própria, pode chegar a passar mais tempo envolvido com o governo que trabalhando com seu próprio negócio.

O que faz os procedimentos do governo brasileiro serem assim tão complexos é o número de agências e de departamentos dentro da mesma estrutura governamental envolvidos com a iniciativa privada. Normalmente o governo não é hábil para distribuir os impostos entre as esferas federal, estadual e municipal, bem como entre suas próprias agências, deixando esse esforço para as empresas. O cenário não é dos melhores, muita corrupção e grande proliferação das agências de governo; exatamente o oposto das recomendações de Smallbone (2004).

O pagamento de impostos na Estônia pode ser feito inteiramente através de um portal da web administrado pela “Agência de tributos e aduana” sem a necessidade de preenchimento de mais de três formulários ao mês. A quantia total a ser paga é calculada automaticamente e a fatura de pagamento pode ser impressa on-line.

No Brasil, há uma legislação especial para microempresas chamada “Regime do Simples”, com baixos custos, cálculos mais fáceis e procedimentos simplificados de pagamento de tributos. Infelizmente somente uma pequena parcela do segmento de prestação de serviços está enquadrado no grupo de atividades que permitem a tributação “Simples”.

Geração de emprego é, na opinião do autor, uma das funções sociais mais importantes do empreendedorismo. O ranking “*Doing Business*” avalia este índice por meio de duas medidas: índice de rigidez trabalhista e custos para demissão de trabalhadores. O índice de rigidez trabalhista revela a dificuldade em contratar, a rigidez de carga horária e a dificuldade para demissão; os custos de contratação refletem todos os impostos, taxas e penalidades (veja a tabela 11).

Dados de contratação de empregados	Estônia	Brasil
Rank	163	121
Índice de Rigidez Trabalhista	58	46
Custos de demissão (semanas de salário)	35	37

Tabela 11. Dados comparativos referentes à contratação de empregados. (Doing Business, 2009)

Entre os demais índices do ranking, este é o que mais se assemelha no Brasil e na Estônia. Ambos os países possuem políticas trabalhistas extremamente protecionistas em favor do empregado.

No geral, entretanto, o Brasil oferece melhores condições para contratação de mão-de-obra que a Estônia. É preciso considerar ainda que essa dimensão não expõe a disponibilidade da mão-de-obra disponível, o que, a propósito, é também melhor no Brasil que na Estônia.

Nossos entrevistados estonianos falaram sobre a flexibilização da legislação trabalhista da Estônia ainda no início de 2009. Entretanto, não tivemos acesso a essas mudanças e nosso índice ainda corresponde à realidade de 2008.

A lei de falências é considerada por Setevenson *et al* (2007) como algo relevante ao referir-se sobre políticas de favorecimento do empreendedorismo. Em nossa pesquisa, no entanto, nenhum dos proprietários entrevistados demonstrou real interesse por isto. Parece-nos que empreendedores estão mais preocupados em levar o negócio adiante, e a autoconfiança não os leve a pensar seriamente sobre o encerramento da empresa. Acreditamos que essa dimensão só precisaria ser considerada com mais profundidade caso houvesse altas penalidades para empresários mal-sucedidos, o que não parece ser o caso em nossos ambientes em estudo.

4.2.3 SISTEMA EDUCACIONAL

Em geral, a população de países com nível de educação elevado são mais produtivos que povos de países com baixo nível educacional. Para se tornar cientista ou pesquisador é necessário vários anos de estudo, entretanto, conforme estudo de Reynolds *et al* (1999) empreendedores não precisam de muitos anos de estudo. A percepção das oportunidades e a capacidade de desenvolvê-las são características mais relevantes que a educação propriamente dita. De acordo com essas evidências, Reynolds diz ainda que o nível secundário de estudo demonstra ser suficiente para influenciar a alta taxa de empreendedorismo.

A divergência do nível educacional entre Rio e Estônia é realmente impressionante. O alto nível educacional da Estônia se contrasta com o baixo nível brasileiro. Cerca de 90% da população estoniana ativa possui graduação superior ou mais, já no Brasil, a estatística é

invertida: cerca de 90% da população está distribuída entre o nível secundário, primário ou analfabetismo (tabela 11).

Educação	Estônia	Rio de Janeiro
% da pop. ativa baixa instrução ou menos	0.1 %	68 %
% da pop. ativa com instrução secundária	13 %	22 %
% da pop. ativa com alta instrução	66.5 %	9 %
% da pop. ativa com elevada instrução	20.4 %	1 %

Tabela 12. Dados comparativos sobre educação - Ano 2000 – faixa etária: 25 anos Fonte: Stat.ee; IBGE

Apesar de tanto o Brasil quanto a Estônia disporem de ensino público, talvez fatores como cultura, clima ou história, tenha induzido o povo estoniano à tão alto grau de instrução. A necessidade de começar a trabalhar ainda quando criança talvez seja um dos fatores que desestimulam a conclusão dos estudos, principalmente, em regiões com elevados índices de pobreza e miséria. As universidades públicas brasileiras também não possuem recursos para toda a demanda e, portanto, critérios de avaliação rígidos mantêm a maioria da população fora das universidades públicas.

Formação técnica pode ser fornecida pelas universidades, escolas técnicas ou cursos particulares. O Brasil possui inúmeras opções para o ensino técnico, enquanto o sistema educacional da Estônia baseia-se predominantemente no apoio das universidades. Em meio a tanta oferta privada de centros de ensino, a qualidade pode variar bastante. As universidades públicas brasileiras são geralmente muito boas, pois a forte competição por uma vaga funciona como um filtro, em que apenas os melhores estudantes conseguem uma vaga. Não há esse tipo de filtro na grande maioria das universidades brasileiras particulares, onde necessidades financeiras podem se sobressair às necessidades de manutenção da qualidade.

Algo a ser destacado em relação ao sistema de ensino estoniano é o grande foco na pesquisa de base, talvez devido ao regime soviético. Isto é importante para o desenvolvimento de novas

tecnologias, embora essa tendência esteja mudando com o tempo, pois se percebe a necessidade por eficiência e pela adequação ao mercado. A pesquisa de base cria mais oportunidades para o surgimento de produtos inovadores (entrevista de Mets, 2009).

O ensino da cultura empreendedora pode ser iniciado desde os primeiros anos escolares. Demais experiências, como participar de Empresas Juniores, completam fatores favoráveis ao empreendedorismo. Vejamos que a maior parte do currículo de ensino não é focada na formação de administradores, mas de técnicos.

O treinamento em empreendedorismo é bem mais adiantado na Estônia que no Brasil. Enquanto esse tipo de treinamento ainda é bem insipiente no Brasil, na Estônia, em 2008, graduaram-se mais de cem professores, cuja responsabilidade é ensinar o empreendedorismo – uma maneira de fazer com que a cultura inovadora não desapareça da Estônia (entrevista de Mets, 2009).

O apêndice 3 apresenta uma lista de centros de empreendedorismo no Brasil e na Estônia. É fácil notar que praticamente não se investe em empreendedorismo Brasil, onde percebemos que a formação em empreendedorismo não é tão relevante para o desenvolvimento de novos negócios. Notamos que a maioria de nossos entrevistados desconhece a educação empreendedora e a confunde com treinamento técnico-administrativo.

Nossos entrevistados demonstraram não compreender muito bem a necessidade da educação de empreendedorismo. Devido à escassez de tempo, ser autodidata ou frequentar cursos de curta duração são as opções mais recomendadas entre nossos entrevistados, quando perguntados sobre formas de aprendizado para um pequeno empresário.

4.2.4 DEMOGRAFIA

O fator demografia é um dos mais importantes entre as demais dimensões para a avaliação do nível de empreendedorismo de uma região. O nível da aglomeração é quase que unanimemente apontado pela maioria dos pesquisadores de empreendedorismo como uma variável que pode influenciar diretamente na criação de oportunidades de negócios. (Reynolds *et al*, 1999; Davidson, 2001; Tödting *et al*, 2003; Rotefoos, 2005). Em áreas de grande aglomeração concentram-se mais oportunidades, melhores universidades e disponibilidade de infraestrutura.

A divergência entre as populações de nossos ambientes de estudo é enorme. Apesar da área de ambas as regiões ser similar, a população do estado de Rio de Janeiro é quase 10 vezes maior que toda a população estoniana (veja a tabela 12).

	Estônia	Rio de Janeiro, Brasil
População	1.34 M	15.42 M
Área	45 226 m ²	43.910 m ²
Densidade	29.6 /km ²	351.2 /km ²
Taxa de crescimento populacional	-0.29 %/year ^(b)	1.3 % /year ^(a)
População dos três maiores centros	Tallinn (396 852), Tartu (101 965), Narva (66 712)	Rio de Janeiro (6 093 472), São Gonçalo (960 631), Duque de Caxias (842 686)
Nível de aglomeração	Tallinn (30%), Tartu (8%), Narva (5%)	Rio de Janeiro (40%), São Gonçalo (6%), Duque de Caxias (5%)

Tabela 13. População da Estônia e do Rio de Janeiro, Brasil

Fonte (a) IBGE – média 1991/2000 (b) Stat.ee média 2000-2008

Aliado ao fato de que o estado de Rio de Janeiro é muito mais populoso que a Estônia, as sete maiores cidades do estado do Rio de Janeiro, conforme vemos nas figuras 8 e 9, estão concentradas na área metropolitana da capital, com 13.78 milhões de habitantes. Na Estônia, as principais cidades estão espalhadas ao redor do país; a maior parte do território ainda é

coberta por florestas. A região da capital da Estônia, Tallinn, abriga a maior aglomeração do país, com cerca de 400 mil habitantes, seguida por Tartu, com 102 mil habitantes. Grande parte da indústria nacional de software e empresas, bem como o maior desenvolvimento do país está concentrado nessas duas cidades.

O crescimento demográfico na Estônia ainda é negativo devido à emigração para países mais desenvolvidos e às baixas taxas de imigração e natalidade. No entanto, essa tendência vem reduzindo-se: de 2007 a 2008, o índice de crescimento demográfico foi de apenas -0.1% (Stat.ee, 2009). Para estimular a taxa de natalidade, o governo tem uma política de fundos de amparo às famílias com novas crianças. Com o desenvolvimento do país nos últimos anos, muitos emigrantes estão retornando ao país. Muitos empreendedores, por sua vez, pensam que a Estônia deveria flexibilizar as políticas de imigração para países fora da UE.

Os mercados sueco e finlandês são as regiões desenvolvidas mais próximas (figura 8); possuem alto nível de qualidade de vida e há disponibilidade abundante de transporte da Estônia para esses países por barco ou avião. Enquanto a legislação da UE é favorável para comércio entre os países membros, o mercado russo é de difícil integração com o estoniano. Fatores políticos e econômicos, bem como o impacto cultural de anos de dominação e repressão, são suficientes para manter as fronteiras extremamente rígidas. Veja a tabela 13 com dados populacionais das maiores áreas de concentração ao redor de ambas as regiões.

Cities around Rio de Janeiro			Cities around Estonia		
São Paulo city	10.886.518	(2007)	Stockholm city	807.301	(2008)
São Paulo metro	39.827.690		Stockholm metro	1.954.206	
Belo Horizonte city	2.412.937	(2007)	Helsinki city	574.579	(2008)
Vitória	314.042	(2007)	Helsinki metro	1.295.955	
Vitória metro	712.110		Saint Petersburg city	4.662.547	(2002)
			Riga city	717.371	

Tabela 14. População das maiores áreas de concentração ao redor das regiões selecionadas

Os empreendedores do Rio de Janeiro normalmente não precisam viajar para outros estados em busca de clientes, já que a própria cidade e a região metropolitana atendem plenamente a maioria da demanda por oportunidades de negócios. Mesmo quando o mercado não é satisfatório, a região metropolitana de São Paulo, com cerca de 40 milhões de habitantes, está a apenas 400 quilômetros da capital do Rio (Figura 9). Além de uma grande população, a taxa de crescimento também é positiva, sendo ainda mais alta em regiões mais pobres.

A demografia é também mais favorável aos empreendedores do Rio de Janeiro se consideramos a abundância de mão-de-obra. Já os estonianos devem contentar-se com a baixa disponibilidade de técnicos para preencher vagas para profissionais qualificados da indústria de software. No Rio de Janeiro, uma oferta de trabalho bem divulgada pode facilmente trazer dúzias de profissionais a sua porta. Um empreendedor estoniano entrevistado comentou: “não é o caso de encontrar um bom profissional; o problema é encontrar algum profissional”, por outro lado os empreendedores brasileiros queixam-se da (má) qualificação da força de trabalho.

Uma última questão sobre a demografia trata da disponibilidade de parceiros; é difícil aproveitar algumas oportunidades de mercado quando se trabalha sozinho. As características individualistas da sociedade estoniana, aliada à falta de empresas, criam empresas mais isoladas, apesar do mercado enxuto cujos profissionais de um mesmo setor se conhecem um ao outro. No Brasil, a quantidade de empresas faz da parceria uma estratégia muito comum. O problema de parcerias entre empresas de software está na fragilidade dos laços, pois parceiros podem se tornar concorrentes em questão de meses.

EUROPE



Áreas concentradas ao redor da Estônia



Estonia	
Total Population	1.340.600
Tallinn	396.852
Tartu	101.965
Narva	66.712
Kohtla-Järve	45.399
Pärnu	44.074
Viljandi	20.190
Rakvere	16.665
Maardu	16.550
Sillamäe	16.491
Kuessaare	14.948
Võru	14.522
Valga	13.882

Maiores cidades.



Figura 8. Destaque das principais áreas de concentração da Estônia e da Europa



Áreas de concentração ao redor do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro	
Total Population	15.420.375
Rio de Janeiro	6.093.472
São Gonçalo	960.631
Duque de Caxias	842.686
Nova Iguaçu	830.672
Belfor Roxo	480.555
Niterói	474.002
São João de Meriti	464.282
Campos dos Goitacazes	426.154
Petrópolis	306.645
Volta Redonda	255.653
Magé	232.171
Itaboraí	215.792

Maiores cidades.



Figura 9. Destaque das principais áreas de concentração do Rio de Janeiro e do Brasil

4.2.5 ESTRUTURA SETORIAL

Uma alta densidade de PME em uma região pode fornecer modelos para novos empreendedores, assim como capacidade e experiência (Fritsch 1992 *apud* Tödttling, Wazenböck, 2003). A alta densidade de pequenas empresas em uma região é uma das condições favoráveis mais importantes para o empreendedorismo (Davidson, 2001; Shane, 2001). A tabela 14 apresenta alguns dados sobre PME do setor terciário.

	Estônia	Rio de Janeiro, Brasil
Total de PME setor terciário	19 196 ^(a)	76 942 ^(b)
PME setor terciário / habitantes	0.014	0.005
PME setor terciário / área	0.424	1.752
Densidade (PME setor terciário/total firmas do setor)	87.3 % ^(a)	98.8 % ^(c)

Tabela 15. PME do setor terciário na Estônia e no Rio de Janeiro
(a) Fonte: 2006 Ettevõtlus (b) 2001 IBGE (c) 2002 Moraes et al (Região Sudeste)

O Rio de Janeiro possui cerca de quatro vezes mais empresas prestadoras de serviços que a Estônia. Esse resultado é mais que razoável, se considerarmos o tamanho do mercado. O que é curioso nesses dados, provenientes de fontes relevantes, é que se compararmos a taxa de PME por habitante, entre a Estônia e o Rio de Janeiro, temos respectivamente uma PME para cada 71 habitantes na Estônia e uma PME para cada 200 habitantes no Rio de Janeiro. Em ambas as regiões, as pequenas e médias empresas representam a maior parte do mercado. Esses dados parecem contraditórios com o índice TEA do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) que coloca o Brasil em uma posição de empreendedorismo acima da Estônia; isto pode ser explicado pela elevada taxa de informalidade presente nos negócios no Brasil, não demonstrada em índices oficiais.

Entre os demais setores na indústria, o setor de prestação de serviços representa uma grande parcela do mercado, conforme dados da figura 10. Da mesma forma, os dados abaixo são

esperados já que normalmente o setor terciário tem uma taxa de *startups* significativamente superior à média de outros setores, como o da indústria ou o do comércio. (Tödting, Wazenböck, 2003).

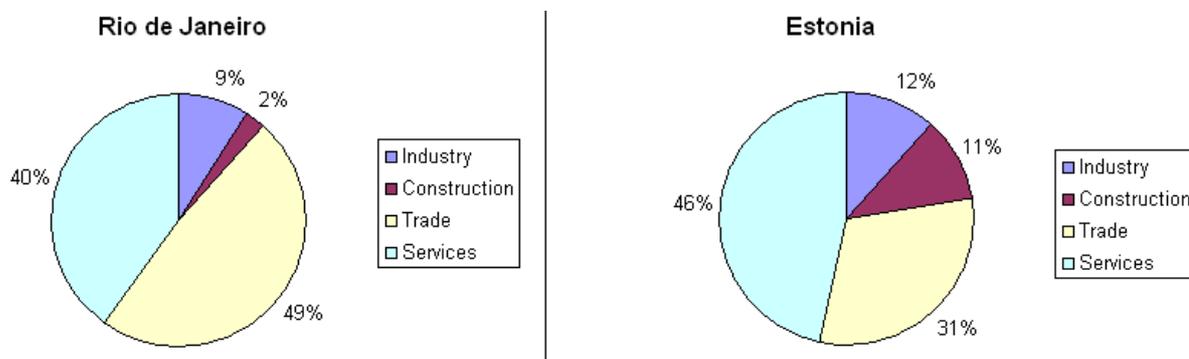


Figura 10. Distribuição entre setores do mercado (Ettevõtlus, 2006; Moraes et al, 2002).

A respeito do segmento de software, não tivemos acesso a bases de dados que pudéssemos verificar a exata parcela desse segmento no gráfico acima (figura 10). Ainda sobre o tema de software, identificamos, no entanto, que nenhuma das regiões estudadas pode ser classificada como um polo de software. O estado do Rio de Janeiro possui o programa Technopolis, na cidade de Petrópolis, e a Estônia tem parques de alta tecnologia em Tallinn e Tartu, mas ainda precisa-se desenvolver muito para que sejam classificados como polo tecnológico.

Fatores regionais como o crescimento da demanda (Reynolds et al. 1994 *apud* Davidson, 2001) e o aumento do desemprego (Rotefoos, 2005) podem influenciar a atividade de criação de empresas. A tabela 15 apresenta alguns dados sobre esses aspectos, representando o crescimento da demanda por meio do crescimento da renda em ambas as regiões. Ao lado da capacidade, é fundamental que haja também a necessidade para que jovens enveredem pela carreira empreendedora. Por incrível que pareça, crises econômicas e aumento do desemprego podem influenciar positivamente a atividade empreendedora.

	Estônia	Rio de Janeiro
Inflação 2008 (índice de preços do consumidor)	10.4 %	6,8 % ⁽²⁾
Taxa de desemprego – 2007	4.7%	6.1% ⁽³⁾
Taxa de desemprego – 2008	6.2% ⁽¹⁾	6.2% ⁽³⁾
Média salarial – 2007	US\$ 983	US\$ 633 ⁽³⁾
Média salarial – 2008 ⁽¹⁾	US\$ 1 125	US\$ 670 ⁽³⁾
Variação salarial	14,4 %	5,8 %

Tabela 16. Dados econômicos brasileiros e estonianos – Fonte: IBGE, Stat.ee, FGV

Obs: (1) 3º trimestre 2008 (2) IPC-RJ (3) Área metropolitana do Rio de Janeiro

Os dados econômicos acima estão mudando rapidamente nos últimos meses, devido à atual crise econômica mundial. Com a alta volatilidade do câmbio recentemente, convertamos os salários apresentados de acordo com a cotação do dólar do 3º quadrimestre de 2008, para fins de comparação. Veja, por exemplo, que, se usarmos a taxa atual de câmbio, a população brasileira está ganhando agora menos que em 2007. No caso da Estônia, um câmbio fixo com o Euro manteve os números relativamente estáveis em padrões mundiais.

Com a grande entrada de capital estrangeiro na Estônia, formou-se também uma bolha imobiliária, elevando a taxa de inflação, mas, atualmente, o país está enfrentando a deflação. Nesse caso, a prosperidade econômica trabalhou negativamente e acaba impedindo a promoção do empreendedorismo. Para irromper em um comportamento inovador, os jovens precisam ter a possibilidade de se expor a riscos, e o fato de muitos terem se endividado para obter uma qualidade de vida acima do recomendável tem papel negativo na promoção de novas empresas. Com empréstimos a pagar, os jovens precisam de uma vida mais estável e praticam o comportamento empreendedor proibitivo (entrevista de Mets, 2009).

No Brasil, com uma economia maior e muito mais estável que a estoniana, a cultura de empréstimos pouco evoluiu, e os anos de intervenção do governo nos bancos estão tendo agora um efeito positivo.

4.2.6 INFRAESTRUTURA

Uma definição interessante para a dimensão de infraestrutura foi proposta por Reynolds *et al* (1999) e inclui a disponibilidade de serviços, como financiamento, facilidades, áreas, empregados, fornecedores, auxílio do governo, custos de serviços públicos, sistema de transporte, concessões de impostos, empréstimos subsidiados e qualquer outro artigo ou componente exigido para produção de bens ou serviços.

Esse capítulo concentrará nos fatores relevantes para a indústria de software, mas também para demais empresas de consultoria. A tabela 16 fornece os principais pontos identificados como importantes para o ambiente empreendedor.

Reynolds et al, 1999	Shane, 2001	Stevenson et al. 2007
Financiamento, concessão de impostos, fundos públicos, empréstimos subsidiados.	Acesso a capital	Financiamento
	P & D	
Assistência Governamental		Consultoria
Facilidade e custo de serviços		
Transporte		

Tabela 17. Análise de serviços importantes de infraestrutura

Financiamentos

As fontes de financiamento mais comuns para novas empresas são bancos, redes de investidores-anjos, capitalistas de risco ou fundos governamentais. A disponibilidade de dinheiro e de estrutura para empréstimos é apontada na literatura como um dos fatores mais importantes para promoção do empreendedorismo dentro da dimensão da infraestrutura.

Novas firmas precisam de dinheiro frequentemente para financiar seus projetos ou para manter um fluxo de caixa saudável. No caso de pequenas empresas jovens, geralmente pequenas quantias são suficientes para financiamento de novos projetos. Para um bom ambiente empresarial, linhas de crédito designados ao setor de PME devem ser abundantes.

Os créditos bancários são a maneira mais simples e comum de levantar capital para novos negócios. A taxa de juros nacional provoca atração de empresas por financiamentos. Outros fatores, como o período para pagamento e o nível de garantias exigidas, atuam igualmente para estimular ou frear o nível de empréstimos.

O Brasil tem câmbio flexível. Sua moeda chama-se Real (BRL) e a taxa de juros de referência do governo ao final de 2008 esteve em 13,75%, porém, após o agravamento da crise econômica, o governo foi forçado a reduzir para 12,75% em janeiro de 2009.

O sistema financeiro estoniano é baseado em taxa de câmbio fixa e sua moeda, o Kroon (EEK), está atrelada ao Euro a uma cotação de 1 EUR = 15.6466 EEK. A taxa de câmbio rígida prejudica a autonomia do governo para manipular suas taxas de juros a fim de influenciar a economia. A tabela 17 apresenta as taxas de juros do Brasil e da Estônia ao final de 2008.

Brasil	Estônia			
Taxa de juros estabelecida pelo governo	Interbank Bid Rate	Interbank Offer Rate	Taxa média de empréstimo de instituições de crédito	Média da taxa de depósitos em instituições de crédito
13,75 %	6.06 %	7.02 %	9.11 %	6.69 %

Tabela 18. Taxas de juros nacionais do Brasil e da Estônia. Ref: Dez. 2008

Fonte: (Banco Central do Brasil, Bank of Estonia, 2009)

A partir dos dados da tabela acima podemos observar que nenhum dos dois países possui moeda barata. No entanto, o histórico inflacionário e os fatores culturais mantiveram brasileiros fora de uma estrutura forte de empréstimo, enquanto, na Estônia, a aceleração econômica dos últimos anos gerou um cenário de intenso endividamento da população. Além disso, os estonianos possuem acesso a crédito em Euro em vez da moeda local, neste caso uma desvalorização cambial apresenta ainda mais risco a economia local. As garantias exigidas em empréstimos bancários no Brasil são mais elevadas que na Estônia.

Redes de investidores-anjos ou capitalistas de risco não são muito populares no Brasil nem na Estônia. Nossas entrevistas mostraram que talvez não haja divulgação ou que o nível de competitividade de seus serviços, assim como a necessidade de documentação e de extensos planos de negócios, são tarefas que consomem muito tempo e esforço – o que mina a motivação da maioria dos empreendedores. Ademais, todos os nossos entrevistados nunca tiveram experiência com capitalistas de risco e não sabiam onde encontrá-los. Para referências, arrolamos uma série de capitalistas de risco localizados no Rio de Janeiro e na Estônia no Apêndice 3.

No que diz respeito a concessões de imposto, o segmento de software e de serviços em geral não é subvencionado. No Brasil, há uma categoria empresarial denominada microempresas, na qual há restrições de enquadramento – que excluem o segmento de software – e que possui algumas isenções e um sistema tributário mais simples, porém as regras para enquadramento, com algumas exceções, exclui a maioria das empresas de prestação de serviços.

Na Estônia, uma forma muito peculiar de arrecadação cria um ambiente bastante positivo para as empresas. As companhias não precisam pagar impostos sobre dinheiro arrecadado, o que significa que o faturamento não é taxado e que as taxações ocorrem apenas na distribuição de

lucros, que tem uma taxa fixa de 21%. Isto é, uma empresa pode reinvestir seu faturamento em novos projetos de desenvolvimento gerando empregos diretos e indiretos sem a intervenção do governo. Esse mecanismo tributário é vulnerável a fraudes, mas atua positivamente ao estimular a indústria.

Fundos públicos e de P&D, distribuídos para a sociedade, são outra forma de estimular o desenvolvimento regional ou de determinados setores. A distribuição pode ser feita por meio de universidades e instituições públicas ou transferidos diretamente ao setor privado. A fração do PIB investido em P&D na Estônia é bem semelhante a do Rio de Janeiro, conforme a indica a Tabela 19.

	Estônia	Rio de Janeiro	Brasil (consolidado)
Total (em % do PIB)	1.14 %	1.2 % + orçamento federal	1.47 %

Tabela 19. Pesquisa & Desenvolvimento 2007 (Stat.ee, 2009; MCT, 2009)

Em 2008, a Estônia ampliou os investimentos em P&D em percentuais acima da média europeia, porém o nível atual ainda está longe dos níveis do oeste europeu. O Rio de Janeiro, por sua vez, está entre os maiores investidores em P&D do Brasil, ocupando o 4º lugar entre os estados brasileiros (MCT, 2009).

Assistência do Governo

Além de políticas financeiras, há inúmeros outros mecanismos que o governo dispõe para influenciar o ambiente empreendedor no contexto nacional e regional. Programas de desenvolvimento da cultura empreendedora, bem como serviços diretos aos jovens empresários, como consultoria ou orientação dada por mentores, têm alta popularidade.

As associações de apoio a empresas contribuem com a oferta de diversos serviços relevantes.

Uma compilação dos principais serviços oferecidos resume-se conforme os itens a seguir:

- Redes de negócio (relacionamento com parceiros, clientes e fornecedores potenciais)
- Programas de apoio à qualidade (cursos de metodologia de qualidade e serviços de avaliação de produtos e serviços)
- Comercialização (espaços compartilhados em feiras, em propaganda ou *trade-shows*)
- Contato com acionistas potenciais (mediação de capital de risco)
- Consultoria para planos de negócios
- Apoio para procedimentos governamentais
- Consultoria para internacionalização (dados de mercado, tendências e cultura internacional)
- Treinamento em gestão de empresas
- Serviços de informação (bases de dados)
- Assistência jurídica (leis, comércio exterior)
- Financeiro (cursos de finanças e consultoria)

O “Sistema-S” brasileiro (SESI, SENAI, SENAC, SEBRAE....) é composto por diversas instituições cujo objetivo principal é fornecer um ambiente de apoio ao desenvolvimento social, incluindo assim PME, indústria e cidadãos. Estas instituições são financiadas por uma parcela descontada no faturamento das empresas nacionais. O “Sistema-S” junto com outras instituições de apoio, de acordo com nossos entrevistados, sofre por grandiosidade e burocracia e não é muito frequentado por jovens empresários de software, que, por sua vez, desconhecem os serviços oferecidos.

Na Estônia, o cenário é parecido. A principal instituição para a promoção do empreendedorismo é chamada *Enterprise Estonia* e é velha conhecida da maioria dos empreendedores. Embora ofereça diversos serviços, a instituição é reconhecida principalmente pelo seu auxílio na mediação de financiamentos. A equidade de suas decisões, porém, foi questionada por um de nossos entrevistados, pois obedece não somente a critérios técnicos, mas também a políticos.

Como ressaltado nas nossas entrevistas, a maioria dos empreendedores não busca muito apoio em instituições governamentais, preferindo ocupar seu tempo com novos projetos ou negócios.

Os programas de apoio por meio de mentores, já em funcionamento em diversos países desenvolvidos, têm demonstrado ser um veículo eficiente de reduzir a “responsabilidade de ser novo” (Audet, 2006). A forte motivação e energia de jovens empreendedores são negativamente balanceadas pela baixa experiência dos mesmos. A maioria dos países não tem programas formais de mentores; não encontramos dados no Rio de Janeiro sobre programas dessa categoria.

Encontramos programas de mentores na Estônia, apesar de nossos entrevistados não se demonstrarem muito entusiasmados. De fato, os estonianos são um povo muito calado, principalmente quando se trata de lidar com desconhecidos. Normalmente os empresários da Estônia, assim como no Brasil, buscam encontrar mentores informalmente nos círculos de parentes ou amigos.

A cultura empreendedora nacional contribui positivamente para motivação das pessoas em abrir uma nova empresa. Uma imagem positiva dos empreendedores por meio da sociedade é fundamental para ativar o nível de empreendedorismo nacional.

A Estônia viveu anos de estagnação sob o regime soviético. Esse período de pobreza e de isolamento fez estonianos ainda mais fortes para lutar por um modelo capitalista. Os partidos de direita são os mais fortes no poder e o empreendedor é muito bem visto na sociedade. Os modelos sueco e finlandês de países socio-democráticos altamente inovadores são referência para a população estoniana (entrevista de Mets, 2009).

O Brasil parece andar no sentido oposto; com um governo de esquerda, ainda se ensina em algumas escolas o estilo socialista como modelo de referência para o país. As políticas de assistencialismo contribuem ainda mais para que a tendência seja buscar apoio governamental em vez de lutar por oportunidades do mercado.

A corrupção é igualmente prejudicial às nações prósperas. A Estônia apresenta uma baixa taxa de corrupção, já o Brasil revela grandes indícios dessa prática.

Facilidades

Novas empresas necessitam de infraestrutura para funcionar. No caso das empresas de software, as necessidades são básicas e quase comuns a todos os novos negócios. Precisam basicamente de computadores, software, Internet, mesas, telefone e de recursos humanos simples para atender chamadas telefônicas e realizar tarefas administrativas diárias. Os empreendedores podem trabalhar em casa, podem procurar algum espaço particular ou podem

registrar-se em alguma incubadora ou parque tecnológico. O apêndice 4 fornece uma lista de incubadoras, de parques tecnológicos e de centros de pesquisa na Estônia e no Rio de Janeiro.

O objetivo das incubadoras é fornecer infraestrutura (mobiliário, Internet, telefone), recursos humanos (secretárias, recepcionistas, faxineiros), transferência tecnológica e um bom ambiente empreendedor onde as empresas possam se desenvolver, durante período inicial e, com custos subsidiados, se fortalecer para encarar o mercado após superar os primeiros anos, fase mais arriscada.

A Estônia possui parques tecnológicos em suas principais cidades. Todos ainda têm espaço para novos negócios. A qualidade do espaço é razoável e, apesar de fornecerem o espaço e as utilidades, a maioria das despesas com mobiliário e serviços são pagos pelas empresas. Entre os nossos entrevistados, aqueles que estavam trabalhando nos parques tecnológico estão, no geral, satisfeitos com a infraestrutura fornecida. Na Estônia, após o período de incubação, alguns parques aceitam que as empresas se fixem lá, pagando o aluguel normal.

O estado de Rio de Janeiro também tem suas próprias incubadoras; a Universidade Federal situada no capital abriga uma das mais populares na região. Da mesma forma, o projeto Petrópolis-Technopolis, nos moldes internacionais de outros parques Technonópolis, em Petrópolis, a 9ª maior cidade do estado e muito próxima à área metropolitana. Obtivemos feedback positivo dos proprietários das empresas sobre os serviços referidos.

Bens e serviços (comunicação, Internet, computadores, livros)

Novas empresas de software demandam utilidades muito específicas. É necessária a maior parte dos serviços de telecomunicações, como telefone e Internet. Do mesmo modo, lojas de

tecnologia e boas livrarias, com livros e revistas, podem ajudar na seleção de informação especializada e em treinamentos.

Serviços de telecomunicações são amplamente difundidos na Estônia; a telefonia móvel, por exemplo, cobre 99.9% do país. A porcentagem de residências com conexão à Internet é uma das mais elevadas no mundo, com 91% das casas conectadas. Nas escolas, há uma taxa de 100% de conexão à Internet. Em espaços públicos, há mais de 1.100 pontos de Wi-Fi com acesso gratuito em torno do país (RIA, 2008). Com toda essa infraestrutura, os serviços via SMS são muito comuns: estacionamento de carros, empréstimos e bilhetes de transporte público são apenas uma amostra dos serviços de telefonia de alta tecnologia na Estônia. O setor comercial, por outro lado, é restrito. Não há muitas publicações especializadas disponíveis na língua estoniana, e a maioria dos editores não parecem reconhecer o país como um mercado. Lojas de tecnologia são suficientes, mas fracas se você procura os mais recentes lançamentos norte-americanos.

Os serviços de telecomunicações do Rio de Janeiro não são tão eficientes quanto os da Estônia. No geral, a cobertura de telefonia celular abrange quase todo o estado, com algumas lacunas em áreas rurais. O acesso à Internet, por outro lado, é limitado em cidades pequenas ou em regiões mais pobres, mesmo que tenham aglomeração populacional elevada. Os preços podem variar muito e, em lugares onde não há muitos clientes, normalmente o preço cobrado é mais alto, fazendo com que usuários tenham que se contentar com *lan houses* ou conexões via *dial up*. Sendo uma sociedade coletivista, as pessoas às vezes compartilham linhas locais ou conexões à Internet em mais de uma residência. Desde 2008, entretanto, as operadoras de celular tem comercializado aparelhos modem de banda larga, que devem permitir que mais usuários se conectem a Internet mesmo fora das principais cidades. Geralmente uma conexão de qualidade no Brasil não é acessível para a maioria da população.

Transporte

Conexões rápidas e seguras entre cidades são suportes para integração comercial e social; o sistema de transportes é a base para o desenvolvimento das regiões.

Na Estônia, o sistema de transporte é satisfatório, mas está longe dos padrões de países europeus ocidentais. Em épocas soviéticas, linhas férreas e estradas seguiam em direção a Moscou (o centro soviético do império) e poucas serviam no sentido ocidental, onde estão os maiores mercados atualmente. Hoje, os trens da Estônia são velhos, e linhas limitadas servem o país. O transporte marítimo na Estônia propicia rotas importantes de Tallinn a Helsinque e Estocolmo. Helsinque, o mercado mais próximo para os estonianos, fica a duas horas de balsa, que faz a travessia diversas vezes ao dia. O transporte aéreo da Estônia ainda é caro, e há carência de voos baratos. A porta de entrada para países bálticos, pelo ar, é Riga, a capital da Letônia.

O Brasil, assim como a maioria dos países em desenvolvimento, sofre com o transporte rodoviário; as estradas e rodovias são mal conservadas e sobrecarregadas, o que causa frequentes congestionamentos. As boas rodovias que existem são privatizadas. O transporte ferroviário é praticamente inexistente para a população, mas o transporte rodoviário feito por ônibus de carreira, que atende a todo o país, é um serviço de razoável qualidade. O transporte aéreo não é ruim, os preços das passagens variam bastante, mas a forte competição do mercado interno pressionou a queda de preços. Atualmente, companhias aéreas têm sofrido com a ineficiência do governo, que não investe em grandes aeroportos, sobrecarregando, assim, alguns aeroportos cujo excesso de voos causam frequentes atrasos. Nas maiores metrópoles, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte (Minas Gerais), os aeroportos ou estão sobrecarregados ou se situam em más localidades.

Apesar da carência de infraestrutura de transporte na Estônia e no Brasil, o mercado de software não demanda muitos deslocamentos. Assim, os empreendedores não se queixam muito e, no geral, concordam que tais serviços são satisfatórios para suas atividades. Para desenvolver um software é preciso mais recursos de comunicação que de transporte.

4.3 ANÁLISE DE DADOS

O último tópico desta pesquisa pretende comparar os dados coletados com os da literatura, fazendo uma análise crítica e levantando algumas hipóteses sobre o tema. Também organizamos as dimensões estudadas a partir dos níveis que acreditamos ser mais influentes para a maioria das atividades empreendedoras nas regiões.

O índice GEM TEA mede o número de pessoas que estão tentando começar seu próprio negócio ou são proprietários de uma empresa nova. O Brasil tem cerca do dobro da atividade empreendedora da Estônia: 12,7% contra 5%. Por outro lado, as empresas na Estônia são mais sólidas que as brasileiras. Apenas 10% das empresas brasileiras sobrevivem após o *start-up*; já cerca de 40% das empresas estonianas permanecerem em atividade.

Entre os ambientes regionais, o nível de aglomeração, a estrutura do setor e o crescimento da demanda (Reynolds et al 2004 *apud* Davidson, 2001; Tödting et al, 2003) estão entre os fatores mais favoráveis ao empreendedorismo. Em áreas da aglomeração, geralmente encontramos mais demanda e, portanto, mais oportunidades. Tanto o desemprego quanto a desigualdade social geram essa demanda; e a necessidade impulsiona pessoas a iniciarem uma atividade de risco, como a abertura de uma nova empresa. A taxa de aglomeração no Brasil é muito mais elevada que na Estônia, assim como o índice do TEA; então, acreditamos que

demografia e estrutura do setor devem encabeçar a lista de pré-requisitos do empreendedorismo.

A demografia no Rio é muito mais favorável ao desenvolvimento de negócios que na Estônia. As diferenças são grandes. Enquanto o Rio tem 351 habitantes por quilômetro quadrado, a Estônia tem escassos 30. É realmente mais fácil encontrar oportunidades de mercado no Rio que na Estônia. No Rio, a população ainda está crescendo, ao passo que, na Estônia, o número de habitantes é quase estável e tem diminuído lentamente.

Desde a universidade, cidadãos estonianos aprendem que a internacionalização das empresas é uma exigência para aqueles que desejam abrir um novo negócio. Um dos nossos entrevistados acredita que, na Estônia, as empresas devem ser completamente internacionalizadas, com empregados internacionais e relações comerciais com o mercado internacional. Essa pressão no mercado é positiva uma vez que resulta em empresas globais e mais competitivas e, por consequência, a indústrias mais produtivas.

A estrutura setorial em ambas as regiões ainda está longe da realidade dos pólos de empresas de software; o setor de software não é concentrado na Estônia nem no Rio de Janeiro. A estrutura setorial, conforme definição neste trabalho, significa o crescimento da demanda, o nível de outras empresas pequenas, o desemprego e concentração de indústrias.

A taxa de desemprego é similar na área metropolitana do Rio e na Estônia; ambos marcaram 6,2% em 2008. Devido às semelhanças apontadas, o empreendimento por necessidade não explica o fato de a atividade empreendedora ser mais elevada no Rio de Janeiro. A concentração de empresas pequenas pode ter um papel mais importante: para o empreendimento, a influência do número elevado de pequenas empresas, juntamente com um

ambiente de alta densidade demográfica, aparece em nossa pesquisa como uma condição mais importante que o desemprego.

A infraestrutura para desenvolvimento de TI na Estônia é muito melhor que no Brasil, bem como o sistema educacional. Rotefoos (2005) discutiu a importância dos éthos político no desenvolvimento de políticas de empreendedorismo; o nível de educação é positivamente relacionado à prosperidade do país. Observamos, então, que a infraestrutura e o sistema de educação têm um nível médio de influência no empreendedorismo. Esses são os setores em que o governo pode ser mais ativo. Esta proposta é coerente com Davidson (2001) que classifica a cultura, a legislação, os sistemas fiscais, o sistema de educação e a infraestrutura como pressupostos para a atividade empreendedora, ficando atrás apenas de fatores como a aglomeração urbana, a estrutura do setor e o crescimento demográfico.

A infraestrutura é definida na literatura como disponibilidade de financiamento, disponibilidade e custo de serviços profissionais, transferências P&D, flexibilidade do mercado de trabalho (Reynolds e outros, 1999) e orientação (Stevenson e outros 2007).

Brasil e Estônia divergem-se muito sobre disponibilidade do financiamento; isto aparece, entre os autores, como a mais importante variável da infraestrutura que explica a atividade empreendedora. Os empresários estonianos deram bons pontos à disponibilidade financeira na Estônia. Os bancos são a fonte de financiamento mais comum para estonianos. No Brasil, esse serviço é quase inexistente ou impedido para pequenas empresas.

Associações empresariais não são bem vistas por estonianos e brasileiros; estas instituições parecem demasiadamente politizadas. Os empreendedores não parecem ser muito interessados nelas. Os novos empreendedores preferem as fontes informais de dados e trabalham muito

para atender as necessidades dos clientes, não demonstrando interesse em associações empresariais.

Os serviços de comunicação e de transporte são satisfatórios em ambas as regiões. A infraestrutura estoniana, em geral, é melhor que a brasileira e, no Rio de Janeiro, serviços de qualidade são mais caros, o que os torna inviáveis para muitos empreendedores.

O apoio governamental também merece atenção. Enquanto o governo estoniano trabalha com um baixo orçamento, criando serviços modernos, políticas, infraestrutura e editando leis para promover empreendedorismo e a atividade empresarial; o governo brasileiro ainda se baseia em políticas assistencialistas para manter seu eleitorado e em cobranças de altos impostos para bancar um governo pesado e ineficiente. No estado do Rio de Janeiro, os empreendedores vêem o governo quase como um inimigo; alguns até mesmo dizem que torcem para o governo não tornar as coisas ainda piores. As recomendações de Smallbone (2004) para evitar a proliferação das agências e lutar contra a corrupção são definitivamente ignoradas no Brasil.

A instrução, principalmente no nível secundário, é descrita por Reynolds e outros (1999) como suficiente para a atividade do empreendedorismo. Nossos resultados sugerem que alto grau de instrução é também importante para proprietários de empresas de software. Para administrar uma empresa de software, recomenda-se uma graduação; por outro lado, empreendedores mais experientes demonstram mais interesse na especialização. A maioria dos nossos entrevistados estonianos definiu a formação em administração como uma questão importante. Normalmente, eles a procuram fora do currículo regular, em Centros de Empreendimento ou com especialistas, em livros ou em disciplinas da universidade; este interesse não é usualmente encontrado nos proprietários brasileiros jovens.

Concluimos por meio desses dados e entrevistas que um alto grau de instrução não tem muita influência na atividade empreendedora, mas é importante quando as empresas ultrapassam a etapa das “responsabilidades por ser novo” e desejam permanecer no mercado.

Uma consequência importante de um bom sistema de educação é capacidade de promover a qualidade dos empregados. Identificamos que contratação de empregados é um problema comum; enquanto os estonianos se queixam da baixa disponibilidade de recursos humanos, os brasileiros lamentam a má qualidade deles. É compreensível, já que cerca de 90% da população brasileira não tem um diploma universitário. Na Estônia, por outro lado, sabemos que 87% dos habitantes apresentam alto grau de instrução, assim, concordamos que o problema na Estônia é certamente a carência de profissionais.

Por fim, deixamos a regulamentação e a cultura como os pré-requisitos mais brandos para a atividade empreendedora. A regulamentação é importante para manter empresas fora da informalidade – que é muito mais elevada no Brasil que na Estônia, mas não parece manter os empresários fora dos negócios. A dimensão da cultura também não parece exercer tanta influência; o que realmente importa, em nossa opinião, são as características individuais, como inovação, propensão ao risco e necessidade de realização (Thomas e outros 2000; Shane 2001), que podem surgir em qualquer um dos ambientes culturais estudados.

Se a regulamentação fosse relevante para a atividade empreendedora, a Estônia seria o “céu dos empreendedores”. Sim, a Estônia tem um poder de atração para empresas estrangeiras, mas não muito para os jovens empreendedores. Nem todos os autores concordam que a regulamentação seja crucial para promoção o empreendedorismo; é talvez importante para atrair empresas estáveis à região. Por um lado, a regulamentação mantém as empresas fora da informalidade, poupando tempo e dinheiro dos empreendedores.

Barreiras regulamentares, leis de falências, leis trabalhistas (Stevenson *et al* 2007) e sistemas tributários (Davidson, 2001) são políticas importantes para o desenvolvimento do empreendedorismo. Já observamos que a lei trabalhista na Estônia é ultrapassada e inflexível, embora legisladores venham trabalhando para torná-la mais flexível. Nenhum de nossos entrevistados demonstrou-se preocupado com a falência. A regulamentação para abertura de nova empresa e a estrutura do sistema fiscal são muito melhores na Estônia.

A literatura é controversa ao correlacionar as dimensões culturais de Hofstede com a atividade empreendedora. A inovação, a propensão ao risco e a necessidade de realização foram identificadas como características pessoais de quase todos os empreendedores que entrevistamos, no Rio e na Estônia. A Estônia é uma sociedade mais masculina, mais individualista e com menos aversão a incertezas que Brasil, aproximando-se do padrão da sociedade norte-americana, apontado pela literatura como uma das nações mais empreendedoras do mundo. Brasileiros têm mais distância do poder e são mais coletivistas. Russel (2004) acredita que a distância do poder impulsiona a atividade empreendedora, como uma tentativa de escapar do grupo dominante da sociedade, mas não há nenhuma forte evidência disso. A independência deve ser um fator mais importante, e estonianos parecem precisar de mais autodeterminação.

O modelo individualista é uma vantagem para a sociedade empreendedora estoniana. O individualismo é considerado o único traço cultural que pode favorecer o empreendedorismo. As teorias que relacionam dimensões da cultura com atividades do empreendedorismo, contudo, ainda são frágeis.

5 CONCLUSÕES

Após vários meses vivendo e trabalhando na Estônia, recolhendo informações e comparando-as com meu conhecimento prévio sobre Brasil, eu tenho me deparei algumas vezes com a seguinte pergunta: “Qual é o melhor? Brasil ou Estônia?”. É realmente difícil responder a esta questão porque as regiões são muito diferentes na maior parte das características ambientais, que integram nossas dimensões estudadas: cultura, demografia, educação, infraestrutura, regulamentação e estrutura do setor.

Temos que admirar o governo estoniano que investe constantemente em políticas e em infraestrutura para o desenvolvimento da TI a fim de criar uma sociedade forte e próspera. A infraestrutura tecnológica, o sistema educacional e a regulamentação na Estônia são notáveis. Apesar das dimensões pequenas do país e do carente mercado interno, o país se desenvolveu rapidamente e, em apenas uma década, conquistou reconhecimento internacional ao alcançar a 13ª colocação entre os países com maior liberdade econômica, um ranking da Heritage Foundation (*Heritage rank of Economic Freedom*). Mesmo com menor atividade empreendedora no país, as empresas estonianas são mais suscetíveis a sobreviver após três ou quatro anos de funcionamento, se comparadas às brasileiras.

O Brasil, sendo um país grande, com enormes aglomerações urbanas, tem maior dinâmica empreendedora e um mercado interno capaz de criar mais oportunidades para novos empreendimentos de software. Acreditamos que a demografia e a estrutura do setor são os fatores de maior importância para a atividade do empreendedorismo. As elevadas concentrações urbanas do Rio de Janeiro e a proximidade com mercados ainda mais fortes, como São Paulo, são os maiores atrativos, uma vez que grandes empresas multinacionais demandam ainda mais serviços na região.

É necessário observar a orientação do mercado de ambos os locais. O Brasil é muito orientado ao mercado interno e é difícil para as empresas expandirem internacionalmente; por outro lado, a Estônia é mais voltada para o mercado internacional. A longo prazo, se a Estônia conseguir lidar com a carência de recursos, o país tende a ter mais empresas globais e competitivas que a maioria dos pequenos empreendimentos brasileiros.

Para concluir, compreendemos que o apoio governamental pró-ativo é realmente válido não só para a prosperidade do país e a promoção do empreendedorismo, mas também para o desenvolvimento social. Ao comparar ambos os países, podemos ver como o Rio de Janeiro está abandonado pelo governo. O nível de informalidade é apenas uma amostra de como a população prefere viver fora do controle governamental.

O Brasil tem muito mais a aprender com a Estônia que vice-versa. A habilidade do governo de transformar um país tão pequeno, com baixos recursos naturais, em uma nação próspera é extraordinário. Acreditamos que o governo estoniano deva encontrar outros modelos para seguir, como Irlanda ou Cingapura, que são melhores exemplos de nações pequenas, internacionalizadas e ousadas; todavia, os empreendedores estonianos têm muito a aprender com o Brasil, se vivessem e trabalhassem no país por algum tempo. O ambiente empresarial

difícil e competitivo pode ser uma grande escola para se ganhar experiência e desenvolver novas técnicas de expansão internacional.

A tabela a seguir (tabela 19) ilustra nossa descrição geral do ambiente em ambas as regiões. Compomos esse quadro em relação ao nível de influência na atividade de empreendedorismo: de elevada à baixa influência.

Condições nacionais	Estônia	Brasil (RJ)
Demografia (Elevado)	Espalhada.	Grandes áreas metropolitanas.
	Proximidade com ricos países da Europa Ocidental.	Proximidade com São Paulo, como um mercado mais forte.
	Influência de modelos nórdicos.	
Estrutura do Setor (Elevado)	Nível médio de pequenas empresas, mais estável;	Nível elevado de pequenas empresas, instável.
	Desemprego aceitável	Desemprego aceitável
Infraestrutura (Médio)	Serviços modernos e disponibilidade de conexão à Internet.	Melhor conexão à Internet em regiões urbanas, crescimento acelerado.
	Grande disponibilidade de capital financiador.	Baixa disponibilidade de empréstimos.
	Poucos capitalistas emergentes.	Mais capitalistas emergentes.
	Grande assistência governamental.	Baixa assistência governamental.
Sistema Educacional (Médio)	Aprox. 9 em 10 têm educação superior (elevada instrução)	Aprox. 1 em 10 tem educação superior (baixa instrução).
	Muito apoio para <i>mentoring</i> e treinamento em empreendedorismo.	Pouco apoio a treinamento em empreendedorismo.
	Sistema de educação na maior parte público.	Sistema de educação Privado x Público.
Regulamentação (Baixo)	Procedimentos empresariais modernos e baseados na Internet.	Procedimentos empresariais burocráticos e complexos.
	Política tributária liberal.	Altos tributos. (Força informalidade e evasão).
	Alto custo e burocracia em regulamentações empregatícias.	Alto custo e burocracia em regulamentações empregatícias.
Cultura (Baixo)	Individualista, igualitário e masculino.	Coletivista, desigual e feminino.
	Grande potencial de inovação.	Grande potencial de inovação.

Tabela 20. Comparative analysis of Estonia and Rio de Janeiro

Sendo uma pesquisa exploratória, não está no escopo do nosso trabalho fornecer conclusões estatisticamente relevantes. Entramos em uma área inexplorada e procuramos informações que poderiam fornecer os primeiros *insights* sobre nossas regiões socialmente e economicamente distantes. Pesquisas futuras e testes empíricos devem ser feitos para conferir validade aos nossos resultados. Testes quantitativos sobre nossas hipóteses são recomendados. Outra sugestão de pesquisa é a condução de novos estudos interculturais em outras regiões a partir de nosso modelo.

Acreditamos que nossos resultados podem ser estendidos para algumas áreas próximas. Os resultados do Rio de Janeiro podem ser estendidos para o sudeste do Brasil, com poucas mudanças, e ao país todo, porém, com mais limitações. Também é possível estender nossos resultados a outros países da América Latina, mas com mais critérios. O ambiente estoniano é mais similar à vizinha Letônia pouco mais distante da Lituânia. Outras ex-repúblicas comunistas podem ter seus próprios perfis recheados por grandes divergências.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <<http://acrj.org.br>>. Acesso em: jan. 2009.

AUDRETSCH, David B.; GRILO, Isabel; THURIK, A.Roy. Explaining entrepreneurship and the role of policy: a frame-work” In: _____. *Handbook of Research on Entrepreneurship Policy*. Cheltenham: Edward Elgar, 2007. p. 1-17.

AUDET, José. *et al.* Mentoring and coaching the entrepreneur: Features and success factors. In: **EUROPEAN MENTORING & COACHING CONFERENCE**, 13, 2006, Köln, Germany.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.bancocentral.gov.br>>. Acesso em: fev. 2009.

BANK OF ESTONIA – Eesti Pank. Disponível em: <<http://www.estipank.info>>. Acesso em: 03 fev. 2009.

BEGLEY, T.M.; TAN, W.L. The socio-cultural environment for entrepreneurship: a comparison between East Asian and Anglo-Saxon countries. *Journal of International Business Studies*. [S.l.] v. 32, n. 3, p. 537–553. 2001.

BOUNCKEN, Ricarda B. *et al.* A comparative study of cultural influences on intentions to found a new venture in Germany and Poland. *International Journal of Business and Globalisation (IJBG)*. [S.l.] v. 3, n. 1, pag. 47-65. 2009.

CHRISMAN, James J.; BAUERSCHMIDT, Alan; HOFER, Charles W. The determinants of new venture performance: An extended model. *Entrepreneurship Theory and Practice*. [Waco], v. 23, n.1, p. 5-29, 1998.

DOING BUSINESS. The World Bank Group. Disponível em: <<http://www.doingbusiness.org>> Acesso em: 21 jan. 2009.

DAVIDSSON, P.; WIKLUND, J. Levels of analysis in entrepreneurship research: Current research practice and suggestions for the future. *Entrepreneurship Theory and Practice*. [Waco], v. 26, n. 4, p. 81–99. 2001.

EESTI-ENERGIA. Disponível em: <<http://www.energia.ee>>. Acesso em: fev. 2009.

ERASTUS-SACHARIA, Anna.; HANSOHM, Dirk; KADHIKWA, Gerson. Small enterprise support institutions in Namibia. *Nepru research report*. [S.l] v. 17, fev. 1999.

ETTEVÕTLUS Eesti Statistika report: Stat.ee, 2008.

EUROSTAT. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/eurostat>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

FORBES, Daniel P. Cognitive approaches to new venture creation. *International Journal of Management Review*. [S.l] v. 1, n. 4, p. 415–439, Dez. 1999.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Disponível em: <<http://www.fgvdados.fgv.br>>. Acesso em: 09 jan. 2008.

GARTNER, William B. A conceptual framework for describing the phenomenon of new venture creation. *Academy of Management Review*. [S.l] v. 10, n. 4, p. 696–706. 1985.

_____.; STARR, Jennifer A.; BHAT, Subodh. Predicting new venture survival: an analysis of “anatomy of a start-up.” Cases from Inc. Magazine. *Journal of Business Venturing*. [S.l] v. 2, n. 14, p. 215–232, 1999.

GHAURI, Pervez; GRØNHAUG, Kjell. *Research Methods in Business Studies: a practical guide*. England: Prentice Hall, 2002.

GRECO, Simara. *et al. Global Entrepreneurship Monitor - Empreendedorismo no Brasil*. Curitiba: IBQP, 2006. Relatório.

HERITAGE FOUNDATION. Disponível em: <<http://www.heritage.org/Index/>> Acesso em: 08 jan. 2009.

HOFSTEDE Geert Hofstede website. Disponível em: <<http://www.geert-hofstede.com>> Acesso em: 21 jan. 2009.

KATTEL, Rainer; KALVET, Tarmo. *Knowledge-based Economy and ICT-related education in Estonia: Overview of the current Situation and Challenges for the Educational System*. Tallinn: Praxis center for Policy Studies, 2006. Disponível em: <<http://www.praxis.ee>>. Acesso em: dezembro de 2009

KLOFSTEN, Magnus. Training for entrepreneurship in universities: a Swedish case. *Journal of European Industrial Training*. [S.l] v. 24, n.6, p. 337–344. 2000.

LASCH, Frank. *et al. From kamikaze to experts: types of high tech entrepreneurs in the ICT sector*. *Research in Entrepreneurship and Small Business*, ed: 11th, 2007.

LEARNED, Kevin E. What happened before the organization? A model of organization formation. *Entrepreneurship Theory and Practice*. [S.l] v. 17, n. 1, p. 91–95. 1992.

LOW, Murray B. The adolescence of entrepreneurship research: Specification of purpose. *Entrepreneurship Theory and Practice*. [S.l] v. 26, n. 4, p. 17–25. 2001.

_____.; MACMILLAN, I. C. Entrepreneurship: Past research and future challenges. *Journal of Business Venturing*. [S.l] v. 19, n.X, p. 617-620. 1988.

MAXWELL, Joseph Alex. *Qualitative Research Design: An interactive approach*. California: Sage Publications, 2005.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br>>. Acesso em: 28 jan. 2009.

METS, Tõnis. Regio – a ‘learned global’ knowledge company: a case from Estonia. In: AIDIS, R.; WELTER, F. (Ed.). *The Cutting Edge - Innovation and Entrepreneurship in New Europe*. Cidade: Edward Elgar, 2005. p.54-73.

_____. Tartu, Estônia, 3 fev. 2009. (65 min). Entrevista concedida a Mario Scheel.

MORAIS, José Alves de; VITORINO, Critiane Albuquerque; ALVES, Marco Antonio P. *Boletim Estatístico de Micro e Pequenas Empresas*. Rio de Janeiro: Observatório SEBRAE, 2005. 84 p.

PORCARO, Erika de Olivera. *O empreendedor e seu perfil psicológico: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal*. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Administração) – Faculdades IBMEC, Rio de Janeiro, 2006.

REYNOLDS, P. H.; HAY, M.; CAMP S. M. *Global Entrepreneurship Monitor 1999 Executive Report*, Wellesley; Kansas City; London: Babson College; Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership; London Business School, 1999. Relatório.

RIA Estonian Informatics Center. Disponível em: <<http://www.ria.ee/?id=27525&>>. Acesso em: 30 out. 2008.

ROTEFOSS, B.; KOLVEREID, L. Aspiring, nascent and fledgling entrepreneurs: an investigation of the business start-up process. *Entrepreneurship & Regional Development*. [S.l.] v. 17, p. 109–127. 2005.

RUSSELL, R. D. The impact of national culture on the emergence of entrepreneurship. In: USASBE ANNUAL NATIONAL CONFERENCE ENTREPRENEURSHIP, 1997, San Francisco: United States Association for Small Business and Entrepreneurship, 1997.

SARASVATHY, Saras D. The questions we ask and the questions we care about: reformulating some problems in entrepreneurship research. *Journal of Business Venturing*, [S.l.] v. 19, n. 5, p. 707–717, set. 2004.

SHANE, Scott. Technology opportunity and new firm creation. *Management Science*. [S.l.] v. 47, n.2, p. 205-220. 2001.

SHEPHERD, Dean; DOUGLAS, Evan J.; SHANLEY, Mark. New venture survival: ignorance, external shocks and risk reduction strategies. *Journal of Business Venturing*. [S.l.] v. 15, n. 5 e 6, p. 393–410. set-nov, 2000.

SILVA, Marco Antonio Oliveira Monteiro da. *Dimensões culturais do empreendedorismo: uma comparação Brasil – Portugal*. 2006. 100 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Administração) – Faculdades IBMEC, Rio de Janeiro, 2006.

SMALLBONE, David; WELTER Friederik. The Role of Government in SME Development in Transition Economies. *International Small Business Journal*. [S.l.] v. 19, n. 4, p. 63-77, jul. 2001.

STAT.EE Statistics Estonia. Disponível em: <<http://www.stat.ee>>. Acesso em 22 jan. 2009.

STEVENSON, L.; LUNDSTRÖM, A. Dressing the emperor: the fabric of entrepreneurship policy. In: AUDRETSCH, David B. (Ed.) *Handbook of research on entrepreneurship policy*. Glos UK; Massachusetts: Edward Elgar, 2007. p. 94-129.

THOMAS, Anysia S.; MUELLER, Stephen L. A Case for Comparative Entrepreneurship: Assessing the Relevance of Culture. *Journal of International Business Studies*. [S.l.] v. 31, n. 2, p. 287-301, jun. 2000.

TÖDTLING, Franz; WANZENBÖCK, Herta. Regional differences in structural characteristics of start-ups. *Entrepreneurship & Regional Development*, [London], v. 15, n. 4, p. 351–370, out. 2003.

VADI, Maaja; MERI, Riin. Estonian Culture in the Framework of Hofstede's Model (Case of Hotel Industry). *Trames*. [Tallinn], v. 9, n. 3, p. 268-284, 2005.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO PARA ESTUDO DO AMBIENTE

Introdução: o objetivo deste estudo é comparar o ambiente de empreendedorismo do setor de software em diferentes culturas, como Brasil e Estônia. As questões a seguir são uma tentativa de apreender as dimensões mais importantes do ambiente de negócios.

Entrevistado: _____ Empresa: _____

1 - Cultura

Como você se sente sendo um empreendedor? Dê o seu ponto de vista sobre prós /contras do trabalho. Como você acha que sua família, a sociedade e os empregados vêem você?

2 - Demografia

Onde o seu empreendimento está localizado atualmente? Esta é a melhor região para abrir seu empreendimento? Onde poderia ser melhor e por quê (infraestrutura, estrutura do setor)? Fale sobre a disponibilidade de oportunidades, parceiros, fornecedores e clientes.

3 - Educação

Qual o seu grau de instrução? Você tem formação em Tecnologia da Informação e Comunicação (ICT)? E os seus empregados?

Dê sua opinião (importância), para você e para seus empregados, sobre

- Formação em Empreendedorismo
- Formação em TIC
- Mentores

Como cada formação acima contribuiu para sua carreira de empreendedor?

4 - Regulamentação

Nível de burocracia e impostos sobre rendimento, impostos sociais? Leis trabalhistas regionais? Você tem medo de vir à falência? Você já teve ou tem algum problema com o governo, alguma lei que possa atrapalhar suas atividades?

5 - Infraestrutura

Como é a infraestrutura para negócios em sua região /seu país? Fale sobre disponibilidade e custos dos serviços de telecomunicações (celular, Internet, local), transporte, e disponibilidade de serviços e mercadorias.

6 – Instituições de apoio

Você já utilizou alguns dos serviços abaixo em sua carreira de empreendedor? Dê sua opinião sobre esses serviços em sua região / seu país. Você confia neles?

	Nota (1-5)	Pros/Contras / Análises variáveis
Serviços financeiros		Disponibilidade de fundos públicos, empréstimos e capitalistas de risco
Associações		Ajuda em planos de negócios, base de dados, relacionamentos, comercialização.
Incubadoras		Preços, ambiente, localização, transferência de tecnologia
Formação em Empreendedorismo		Estratégia, plano de negócios, habilidades gerenciais
Orientação de Mentores		Disponibilidade formal/informal, qualidade dos mentores
Formação em ICT		Há oferta de cursos técnicos nas proximidades?

Fases: N – fase Nascente; S – fase *Startup*; P – fase *pos-startup*; X – Nunca

Notas: 1 – Ruim; 2 – Regular; 3 – Bom; 4 – Muito Bom; 5 – Excelente; X – sem opinião

6 – Comportamento geral

Qual foi sua principal motivação para abrir o negócio?

Quantas horas você trabalha por semana?

7 – Pequeno Teste

- Alguma coisa realmente te aborrece?
- Alguma coisa te faz realmente feliz?
- O que é mais importante ao administrar uma empresa?

8 – Comentários adicionais

Deseja fazer algum comentário adicional ou uma pergunta a mim?

Mais informações sobre a empresa

Especialidade: _____ *Turnover* anual: _____

Anos de mercado: _____ Número de empregados: _____

Endereço: _____ E-mail: _____ Telefone: _____

Obrigado por sua atenção! Esta pesquisa será enviada a você na primeira metade de 2009.

APÊNDICE 2 – SUMÁRIO DE ENTREVISTAS COM EMPREENDEDORES

Estônia:

KIKAS, Taavet. Tartu, Estônia, 16 jan. 2009. (2h01min). Entrevista concedida a Mario Scheel.

*Fubitech é um novo empreendimento (4 pessoas) – Sistema GeoInformation para levantar dinheiro / foco no e-commerce. Estratégia muito comum.
Empresa localizada em Tartu, parceiro localizado na Suécia.*

EENSAAR, Rain. Tartu, Estônia. 27 jan. 2009. (38 min). Entrevista concedida a Mario Scheel.

*A Korteryhistu.net produz software para condomínios, facilidades administradas pelo modelo ASP. Backgroup é administração pública e diplomacia internacional.
Já visitou o Brasil uma vez.*

PRIIMANN, Janek. Tartu, Estônia. 27 jan. 2009. (55 min). Entrevista concedida a Mario Scheel.

Indilo Wireless é uma empresa iniciante. Desenvolve para o Iphone e para plataforma andróide do Google. No ano passado, a principal verba veio de aplicações financeiras.

Brasil:

BARRETO, Rafael Lessa. Rio de Janeiro, Brasil. 12 mar. 2009. (55 min). Entrevista concedida a Mario Scheel.

Destaque Tecnologia desenvolve software para gerenciamento eletrônico de documentos e fluxo de trabalho.

GARCIA, José Manuel Alvitos. Macaé, Brasil. 15 mar. 2009. (60 min). Entrevista concedida a Mario Scheel.

LJ Sistema produz software administrativo especializado em instituições públicas. Filial em Macaé.

APÊNDICE 3 – INSTITUIÇÕES DE APOIO NA ESTÔNIA E NO RIO DE JANEIRO

Principais instituições - Estônia

Grandes instituições que oferecem vários serviços.

Nome	Contato	Criação	Público alvo	Serviços oferecidos
Enterprise Estonia	http://www.eas.ee Liivalaia 13/15, Tallinn Sõbra 56, Tartu Pargi 27, Jõhvi	Criado pelo ministro de Assuntos Econômicos, em 2000.	Apoio e desenvolvimento de programas para empreendedores.	Programa <i>Startup</i> (plano de negócios, consultoria e empréstimo). Programa de comércio exterior. Treinamento. Contato com investidores estrangeiros e banco de dados.
			Instituições	Acesso a fundos estruturais da UE. Financiamento R&D, redes de cooperação.

Instituições Financeiras

Bancos, investidores anjo, capitalistas de risco, fundos do governo, Instituições financeiras em geral

Nome	Contato	Criação	Público alvo	Serviços oferecidos
Arengufund – Fundo de desenvolvimento estoniano	http://www.arengufond.ee	Lei editada pelo Parlamento estoniano em 2006.	Pequenas e médias empresas; Investidores internacionais, capitalistas de risco e	Atua no setor de investimentos de capital de risco em empresas de tecnologia (iniciantes ou orientadas). Analisa tendências mundiais e previsões a longo

			investidores anjo.	prazo na Estônia.
Credit and Export Guarantee Fund KredEx	http://www.kredex.ee	Criado em 2001 pelo ministro de Assuntos Econômicos e Comunicações.		Financia pequenos empreendimentos na Estônia, ameniza créditos de risco de exportações, possibilita construção ou reforma de residências e incentiva eficiência energética na Estônia.

Instituições de infraestrutura

Incubadoras, parques tecnológicos, centros de Pesquisa e Pesquisa & Desenvolvimento

Nome	Contato	Criação	Público alvo	Services offered
Tallinn Business Incubators Foundation - Kopli Business Incubator, Ülemiste Business Incubator and Creativ Incubator	http://www.inkubaator.ee		Empresas <i>Start-ups</i> (iniciantes)	Serviços relacionados à estrutura física (móvel, internet, telefone, secretária), serviços para start-ups (análise, treinamento), desenvolvimento de negócios e serviços de networking (parceiros, financiamento, jurídico e mentores)
Tallinn Technology Park development foundation	http://www.tehnopol.ee	Governo da Estônia, Universidade de Tecnologia de Tallinn e prefeitura de Tallinn; fundada em 2003	Target Companies: knowledge based; with high growth potential and international	Infraestrutura e serviços de ambientes de negócios; comunicação, rede e cabeamento, escritórios equipados e mobiliados, internet, telefone e recepcionistas.
Pärnumaa	http://pevi.ee	2007		

Ettevõtlusinkubaator				
Tartu Science Park	http://www.teaduspark.ee			Aluguel e infraestrutura, consultoria, transferência de tecnologia.
Biotech Incubator Tartu	http://www.biopark.ee	2005		Incubadora de negócios

Mentores e Instituições de Treinamento

Escolas e centros de Empreendedorismo, empresas juniores.

Nome	Contato	Criação	Público alvo	Serviços oferecidos
Ettevõtluskeskus – Centre for Entrepreneurship	http://www.evk.ut.ee	Universidade de Tartu, 2003	Empreendedores, estudantes e instituições	Organiza e coordena pesquisa acadêmica, atividades tutoriais e de desenvolvimento; atividades no campo do empreendedorismo. Apoio comercial e consultoria de negócios.
Jõgevaa Arendus ja Ettevõtluskeskus	http://www.jaek.ee			
Pärnumaa Ettevõtlus ja Arenduskeskus	http://www.peak.ee/			
Harju Ettevõtlus- ja Arenduskeskus	http://www.hedc.ee/			

Instituições de negócios

Redes de empreendedorismo, câmeras de comércio.

Nome	Contato	Criação	Público alvo	Serviços oferecidos
Câmara de Comércio e Indústria da Estônia	http://www.koda.ee	Fundada em 1925, fechada em 1940, restabelecida em 1989	Pequenos e médios empreendimentos	Contact Services (reuniões, apresentações), Serviços de informação (banco de dados, UE), Consultoria (Jurídico, Comércio exterior), Publicidade, Internet, aluguel de salas.
Juhtmine.ee	http://www.juhtmine.ee/			Informação a empreendedores
Aktiva – ettevõtja infovärv	http://www.aktiva.ee/			Portal
Ajujaht – noorte ettevõtjaspordaal	http://www.ajujaht.ee/			Portal para jovens empreendedores.

Projetos

<http://www.ettevotja.ee>; ScanBalt, <http://www.scanbalt.org> - promove projetos, negócios e pesquisa no BioRegion (BSR)

Principais instituições – Brasil

Grandes instituições com diversos serviços.

Nome	Contato	Criação	Público alvo	Serviços oferecidos
SEBRAE	http://www.sebraerj.com.br	Agência do governo federal criada em 1972 para promoção de PME	Pequenas e médias empresas	Rede de negócios, financiamento, suporte técnico, Projetos administrativos, consultoria Internacional, treinamento de empreendedorismo, orientação em procedimentos do Governo.
FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro	http://www.firjan.org.br	Cinco instituições trabalhando juntas	empresas	Promove o desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro, por meio de treinamento, mentores, consultoria.

Instituições Financeiras

Bancos, investidores-anjo, capitalistas de risco, fundos governamentais, instituições financeiras em geral

Nome	Contato	Criação	Público alvo	Serviços oferecidos
BNDES	http://www.bndes.gov.br/	Empresa pública federal criada por lei em 1952	Pessoas, empresas e governos	Recursos financeiros.
FAPERJ	http://www.faperj.br/			Financiamento de projetos, bolsas de pesquisa
FINEP	http://www.finep.gov.br	Criado pelo Ministério da Educação e Ciência em 1967	apóia ações de C,T&I de instituições públicas e privadas	
Infocrerj – cooperativa	http://www.infocrerj.com.br/	Cooperativa aberta em 2000	Pessoas e empresas	Empréstimos, serviços

de crédito do setor de informática		profissionais de TI.	privadas	bancários
------------------------------------	--	----------------------	----------	-----------

Instituições de Infraestrutura

Incubadoras, parques tecnológicos, Centros de R&D

Nome	Contato	Criação	Público alvo	Serviços oferecidos
Petrópolis Technopolis	http://www.petropolis-tecnopolis.com.br/	Acordo assinado em 1999 entre governo, prefeitura, Firjan e Funpat		Treinamento, recursos físicos e humanos, acesso a fundos.
FUNPAT – Fundação Parque de Alta Tecnologia de Petrópolis	http://www.funpat.com.br/	Fundado em 1987		Aperfeiçoamento do desenvolvimento da ciência na região de Petrópolis.

Diversas outras: Incubadora da Fundação Bio-Rio, Incubadoras Tecnológica e de Cooperativas Populares da COPPE/UFRJ, Incubadoras Tecnológica, Cultural e Social da PUC-Rio, Incubadora de Empresas do Instituto Politécnico da UERJ, Incubadora Phoenix de Empresas da UERJ/RJ, Desing INC UERJ e UERJ RESENDE, Incubadora de Empresas de TeleInformática do CEFET/RJ, Incubadora de Empresas de Base Tecnológica em Agronegócios da UFRRJ, Incubadora de Empresas da UFF, Incubadora de Empresas do INT, Incubadora de Empresas do INMETRO, Incubadora de Empresas do SENAC Rio, Incubadora do LNCC, IniciativaJovem, Incubadora da Universidade de Petrópolis, Incubadora de Empresas de Base Tecnológica do Exército, Incubadora Afro, Incubadora de Empresas da UVA, Incubadora de Macaé e TECCAMPOS

Instituições de treinamento e orientação (mentoring)

Escolas de empreendedorismo, empresas juniores de universidades, Centros de Empreendedorismo

Nome	Contato	Criação	Público alvo	Serviços oferecidos
Riosoft – agente softex	http://www.riosoft.softex.br/			Treinamento empresarial,

				consultoria para exportação de software, rede de negócios, assistência em qualidade.
Rede de Tecnologia do Rio de Janeiro	http://www.redetec.org.br	Criado por 24 incubadoras do Rio de Janeiro		Treinamento, rede de negócios, financiamento.

Instituições de negócios

Redes de empreendedorismo, câmaras de comércio....

Nome	Contato	Criação	Público alvo	Serviços oferecidos
Assespro	http://www.assespro-rj.org.br/			

Outras Câmaras de Comércio:

Câmara de Comércio e Indústria do Estado do Rio de Janeiro - CAERJ - www.caerj.org.br - +55 21 2242-3131

Câmara de Comércio e Indústria Brasil Alemanha - www.ahkbrasil.com - +55 21 2220-

Câmara de Comércio Ítalo Brasileira do Rio de Janeiro - www.camaraitaliana.com.br - +55 21 2262-8597

Câmara Comércio Indústria Japonesa Rio de Janeiro - www.ccijr.org.br - +55 21 2524-7366

Câmara Comércio Indústria Brasil China - www.ccibcsc.com.br - +55 21 2240-8648

Câmara Comércio França Brasil - +55 21 2533-3925

Câmara de Comércio e Indústria do Brasil - +55 21 2533-3772

Câmara de Comércio Americana - +55 21 2233-0111

Câmara de Comércio e Indústria Brasil Taiwan - +55 21 2215-7154

Câmara de Comércio Americana para o Brasil - +55 21 2518-6041

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)